

TN IDEIAS

TÓPICOS PARA REFLETIR

Diretor: Frei Gilson Frede

Edição: Nº 00 - Ano 0 - Maio 2019

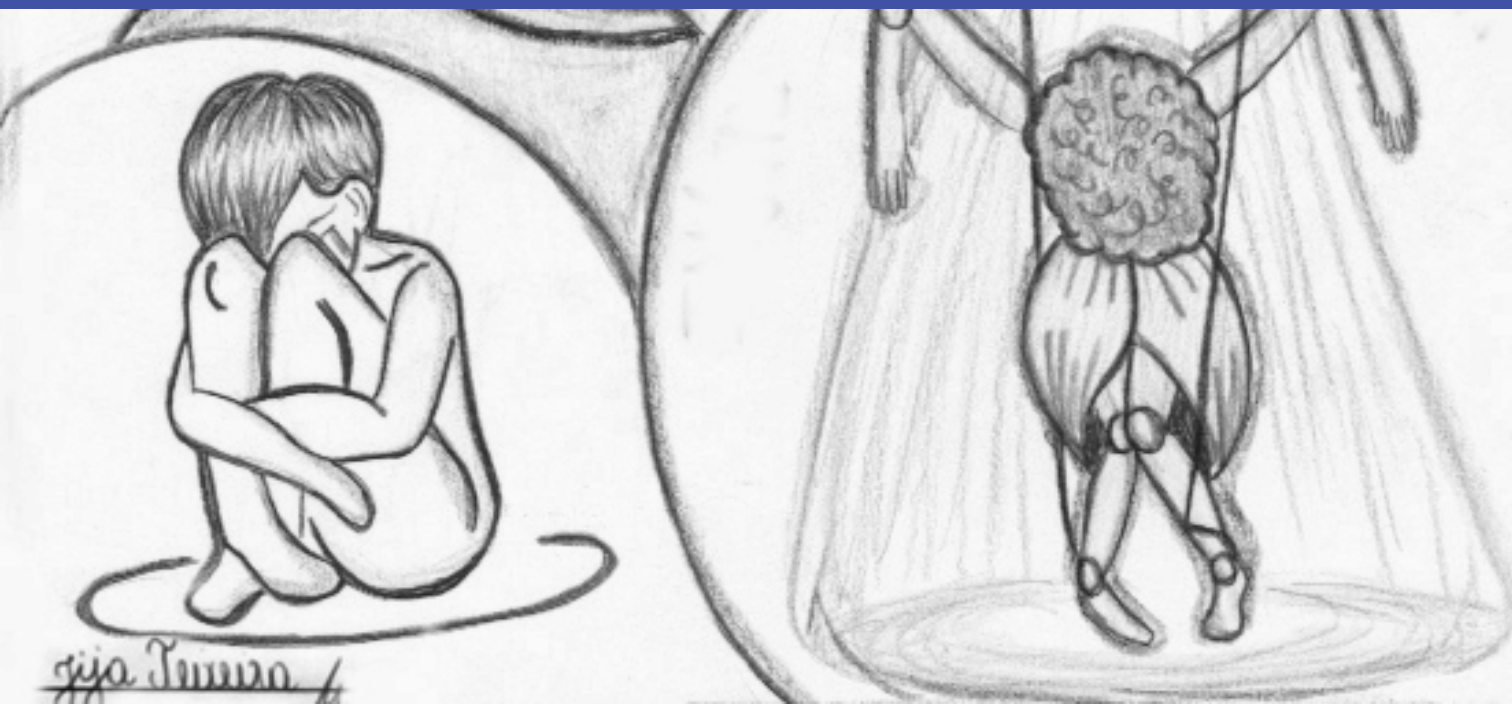
Suplemento do Jornal Terra Nova Online

www.terranova.cv



Violência

E suas múltiplas dimensões





Frei Gilson Frede

Põe a tua espada na bainha!

Pedro, o pescador da Galileia e seguidor de Jesus desde a primeira hora, ao ver os soldados prontos para levarem preso o Mestre da Galileia, Jesus, chamado o Cristo, desembainhou a sua espada e cortou as orelhas de um dos soldados.

- Pedro, põe a tua espada na bainha! (Jo 18,1) Pede Jesus ao seu impetuoso seguidor.

Desde então essa é a atitude que os cristãos assumem (ou deviam assumir) diante dos violentos de todos os tempos porque o ser humano, com Jesus, é destinado à paz de Deus que é a sua oferenda maior à humanidade.

Neste período depois da Páscoa de Jesus Cristo, nós os cristãos contemplamos o maior ato violento da história, a morte infame e injusta de Jesus no patíbulo da Cruz. Como dirá o próprio Apóstolo Pedro, talvez lembrando o episódio do Monte das Oliveiras: “Ele passou fazendo o bem”. Entretanto, não obstante, mataram-no violentamente.

Mas a contemplação dos cristãos não se limita à Cruz e à evidência da sua violência extrema ela alarga-se, ultrapassa a própria violência a abarca aquela realidade maior que é a força da vida, a ressurreição. Assim, superando a violência, Jesus liberta-nos e faz-nos cidadãos de um reino de Justiça e de Paz.

Depois de em abril último celebrar o seu quadragésimo quarto aniversário, no tempo (pascal) em que os cristãos celebram a vitória definitiva da paz e do bem sobre a maior violência jamais praticada, a crucificação de Jesus, o inocente

e, enquadrado na aposta no digital como novo meio de comunicar a mensagem de sempre, o jornal Terra Nova lança este suplemento: Terra Nova Ideias - tópicos para refletir.

Trata-se um suplemento totalmente digital e online que pretende oferecer tópicos sobre assuntos importantes e actuais para a nossa sociedade. O Terra Nova Ideias terá três números por ano e vai contar com opiniões e ideias de grandes estudiosos e profissionais nacionais e internacionais sobre os vários temas que a cada número apresentamos.

Cabo Verde tem experimentado nos últimos 10 a 20 anos expressões de violência que não conhecia antes, embora haja quem defenda a matriz violenta do nosso povo. O que é certo é que estas expressões expuseram a violência contínua e sistémica sob a epiderme da sociedade cabo-verdiana. Se de um lado elas sempre provocam levantes em defesa dos direitos humanos em diversos quadrantes do país, de outro exibem o teatro do horror de quem consegue justificar a violência nas suas várias faces. Todo esse contexto ilustra a complexidade do xadrez da violência e suas múltiplas dimensões para além da caricatura policialesca que divide os bons, frequentemente as forças de ordem, e bandidos, normalmente o crime organizado.

Para debater o tema, o Terra Nova Ideias reúne uma série de professores e pesquisadores que abordam a temática. Afinal, de que ordem são os signos da violência e como eles operam?



Cabo Verde tem experimentado nos últimos 10 a 20 anos expressões de violência que não conhecia antes, embora haja quem defenda a matriz violenta do nosso povo.



Capa: Desenho da autoria de Isabel (Jija) Teixeira Aluna de 10º Ano da Escola Amor de Deus

Sumário

- PÁG 04 **A política do medo: como ela nos manipula para o tribalismo**
- PÁG 08 **O livro que criou o termo 'meritocracia' é uma distopia**
- PÁG 10 **Não podemos ignorar a presença do crime organizado em Cabo Verde e nem o perigo da proximidade do país ao radicalismo islâmico**
- PÁG 14 **Cabo Verde foi concebido com base na violência**
- PÁG 18 **A cicatriz de uma violação ultrapassa o corpo. Fica na alma**
- PÁG 22 **A violência é possível em todas as dimensões da vida pessoal ou social**
- PÁG 26 **Qualquer grau ou forma de exercício da violência não deixa de constituir patologia e degradação**
- PÁG 28 **O cabo-verdiano, como ser humano, é tão violento como qualquer outro povo**
- PÁG 36 **O Deus da violência não existe**
- PÁG 38 **"Nas periferias muitos jovens têm a noção clara que já foi "morto" mas que não morreu"**

Ficha Técnica



TERRA NOVA IDEIAS: Suplemento do Jornal Terra Nova online
PROPRIEDADE: Jornal Terra Nova, LDA | Registo Legal na ARC: nº 1/2016
NIF: 275711706 | **DIRETOR E EDITOR:** Frei Gilson Frede | **ADMINISTRADOR:** Frei Valter de Pina | **COLABORADORES:** Marilene Pereira, Bernardino Gonçalves, Nardir Sousa, Jacob Vicente, José Maria Rebelo, Eutrópio Lima, Frei Fernando Ventura, Carlos Belino Sacadura, Arash Javanbakht.
DESIGN E PAGINAÇÃO: Raul Delgado Morais | **ENDEREÇO:** Jornal Terra Nova: C.P.: 166 São Vicente / Telefone/Fax: 232 24 42 / 5963651 | **REDAÇÃO:** Achada São Filipe, CP 112/C - Praia / Tel: 2647304 ou 9998026 | Site: www.terranova.cv
E-mail.: jornalterranova@gmail.com - facebook.: www.facebook.com/jornalterranova



Arash Javanbakht é professor-assistente de psiquiatria na universidade de Wayne State

A política do medo: como ela nos manipula para o tribalismo

Artigo convidado

O cruel assassinato de 50 pessoas na Nova Zelândia foi mais uma trágica lembrança de como humanos são capazes de matar impiedosamente a sua própria espécie por causa do que acreditam, de como exercem sua fé e a que raça ou nacionalidade pertencem.

Há uma longa história de medo “dos outros” transformando humanos em armas ilógicas e implacáveis, ao serviço de uma ideologia. O medo é provavelmente tão antigo quanto a vida. Ele está profundamente enraizado nos organismos vivos que sobreviveram à extinção e evoluíram ao longo de bilhões de anos. Suas raízes são profundas no âmago de nosso ser psicológico e biológico. É um dos nossos sentimentos mais íntimos.

Perigo e guerra são tão antigos quanto a história humana, assim como a política e a religião. Os demagogos sempre usaram o medo para intimidar subordinados ou inimigos, assim como para guiar a tribo. O medo é uma ferramenta muito forte que pode confundir a lógica dos humanos e mudar o seu comportamento.

Sou um psiquiatra e neurocientista especializado em medo e trauma, e tenho alguns pensamentos baseados em evidências sobre como se abusa do medo na política.

Aprendemos o medo com os nossos companheiros de tribo

Como outros animais, nós humanos aprendemos a ter medo por meio de experiências, como ser atacado por um predador. Também aprendemos por meio da observação, como

ao testemunhar um predador atacando outro humano. E aprendemos com instruções, como quando nos dizem que há um predador por perto. Aprender com nossos conspécíficos – membros da mesma espécie – é uma vantagem evolutiva que nos impediu de repetir experiências perigosas de outros seres humanos.

Temos uma tendência para confiar nos nossos companheiros de tribo e autoridades, especialmente quando se trata de perigo. É adaptação: pais e velhos sábios avisaram-nos para não comer uma planta especial, ou não ir a uma área na floresta, ou iríamos ferir-nos. Ao confiar neles, não morreríamos como um bisavô que morreu comendo aquela planta. Dessa forma, acumulamos conhecimento.

A tendência e capacidade humana de destruir o que é desconhecido e estranho é alimento para os políticos que querem explorar o medo.

O tribalismo é uma parte inerente da história humana. Sempre houve diferentes tipos de competição entre grupos de humanos com diferentes rostos, do brutal nacionalismo dos tempos de guerra até à forte lealdade a um clube de futebol. Evidências da neurociência cultural mostram que nossos cérebros chegam a responder de maneira diferente, num nível inconsciente, à simples visão de rostos de outras raças ou culturas.

No nível tribal, as pessoas são mais emotivas e, consequentemente, menos lógicas: torcedores de dois clubes rezam para que sua equipa vença, esperando que Deus tome partido num jogo. Por outro lado, regredimos ao tribalismo quando estamos com medo. É uma vantagem evolutiva que levaria à coesão do grupo e nos ajudaria a lutar contra outras tribos para sobreviver. Tribalismo é a brecha biológica em que muitos políticos apostam há tempos: atingindo nossos medos e instintos tribais.

Alguns exemplos são o nazismo, a Ku Klux Klan, as guerras religiosas e a Idade das Trevas. O padrão típico é dar aos outros humanos um rótulo diferente do nosso, dizer que eles nos irão prejudicar e aos nossos recursos e transformar o outro grupo num conceito.

Não precisa necessariamente ser raça ou nacionalidade, que são usadas com muita frequência. Pode ser qualquer diferença, real ou imaginária: liberais, conservadores, pessoas do Médio Oriente, homens brancos, a direita, a esquerda, muçulmanos, judeus, cristãos, sikhs. A lista é interminável. Ao construir limites tribais entre «nós» e «eles», alguns políticos foram muito bem-sucedidos na criação de grupos virtuais de pessoas que não se comunicam e odeiam sem sequer se conhecerem. Este é o animal humano em ação!

O medo é desinformado

Um soldado disse-me uma vez: “É muito mais fácil matar alguém que você nunca conheceu, de longe. Quando olha através da mira, apenas vê um ponto vermelho, não um ser humano”.

Quanto menos se sabe sobre eles, mais fácil é temê-los e odiá-los. A tendência e capacidade humana de destruir o que é desconhecido e estranho é alimento para os políticos que



Perigo e guerra são tão antigos quanto a história humana, assim como a política e a religião. Os demagogos sempre usaram o medo para intimidar subordinados ou inimigos, assim como para guiar a tribo.

querem explorar o medo: se cresceu à volta apenas de pessoas que se parecem consigo, só ouviu um meio de comunicação e escutou de um velho tio que aqueles que parecem ou pensam de modo diferente o odeiam a si e são perigosos, o medo inerente e o ódio contra essas pessoas invisíveis é um resultado compreensível (mas errado).

Para ganhar-nos, os políticos, às vezes com a ajuda dos media, fazem o seu melhor para manter-nos separados, para manter os “outros” reais ou imaginários apenas como um “conceito”. Porque se passarmos tempo com os outros, falarmos com eles e comermos com eles, aprenderemos que são como nós: humanos com todas as forças e fraquezas que possuímos. Alguns são fortes, alguns são fracos, alguns são engraçados, alguns são burros, alguns são bons e outros nem tanto.

O medo é ilógico e muitas vezes burro

Muitas vezes, os meus pacientes com fobias começam com: “Eu sei que é estúpido, mas tenho medo de aranhas”. Podem ser cães ou gatos, ou qualquer outra coisa. E eu sempre respondo: «Não é idiota, é ilógico».

Nós, humanos, temos funções diferentes no cérebro, e o medo muitas vezes passa ao largo da lógica. Existem várias razões para isso. Uma é que a lógica é lenta e o medo é rápido. Em situações de perigo, devemos ser rápidos. Primeiro corra ou mate, depois pense. Os políticos e os media fre-

quentemente usam o medo para driblar a nossa lógica.

Sempre digo que os media dos EUA são uma pornógrafa do desastre – empenham-se demais em despertar as emoções do seu público. São como reality shows políticos, surpreendendo a muitos fora dos EUA. Quando uma pessoa mata algumas outras numa cidade de mi-

lhões, o que é obviamente uma tragédia, a cobertura das grandes redes pode levar alguém a achar que a cidade toda está sitiada e insegura.

Se um imigrante ilegal sem documentos assassinar um cidadão americano, alguns políticos usam o medo esperando que poucos perguntem: “Isso é terrível, mas quantas pessoas

foram assassinadas neste país por cidadãos americanos só no dia de hoje?” Ou: “Sei que vários assassinatos acontecem todas as semanas nesta cidade, mas por que estou tão assustado com este que está sendo mostrado pela comunicação social?”

Não fazemos essas perguntas, porque o medo ignora a lógica.



Artigo convidado



O medo pode tornar-se violento

Há uma razão pela qual a reação ao medo é chamada de “lutar ou fugir”. Essa reação ajudou-nos a sobreviver aos predadores e a outras tribos que queriam matar-nos. Mas, novamente, é outra brecha na nossa biologia a ser abusada com o objetivo de ativar nossa agressão

contra “os outros”, seja na forma da vandalização de seus templos ou de assédio contra eles nas redes sociais.

Quando as ideologias conseguem apossar-se de nossos circuitos de medo, muitas vezes regredimos a animais humanos ilógicos, tribais e agressivos, transformando-nos em armas – armas que políticos usam para sua própria agenda.

ARTIGO ORIGINAL

**The politics of fear:
How it manipulates us to tribalism**

Fonte: The Conversation

Autoria: Arash Javanbakht

Tradução: Redação Terra Nova

O livro que criou o termo 'meritocracia' é uma distopia

Publicada em 1958, obra satírica foi escrita por um personagem importante do Partido Trabalhista britânico

É comum defrontar-se com o termo “meritocracia” em discussões políticas e económicas. Na acepção mais comum, designa um modelo em que se progride social e economicamente com base em qualidades pessoais.

De acordo com essa visão, a meritocracia premeia o esforço individual, que se sobreporia a fatores externos. Para seus críticos, o conceito é falho pois ignora o contexto social e cultural das pessoas, que podem traduzir-se em vantagens ou desvantagens. Segundo essa visão, ao ignorar o histórico das pessoas, a meritocracia serve apenas para reforçar desigualdades existentes. O termo tem origem no livro “The rise of the meritocracy” (“A ascensão da meritocracia”, em tradução livre), publicado em 1958 pelo sociólogo e político britânico Michael Young. Satírica, a obra descreve uma sociedade distópica do futuro em que se consolida uma elite baseada em resultados

de testes de QI padronizados. Como apenas aqueles com acesso a boas escolas conseguem ir bem nos testes, a “meritocracia” da história apenas perpetua o desequilíbrio social. A intenção de Young era criticar o sistema educacional britânico da sua época, baseado em um modelo similar de testes de inteligência, que todas as crianças do país deveriam fazer em certas fases da vida escolar. A aprovação ou não nesses testes, em vigor no país até o fim da década de 1980, costumava ser determinante para o futuro profissional dos estudantes.

O esforço como métrica

O termo ganhou sentido positivo nas décadas seguintes ao ser adotado por uma variedade de escritores de auto ajuda, pensadores, empresários e políticos. Nos Estados Unidos, o conceito foi incorporado à sólida mitologia do “self-made man”, do personagem de origem humilde que



venceu sozinho na vida, associado às histórias do escritor Horatio Alger, do século XIX. No Reino Unido, o termo foi adotado com entusiasmo pelo primeiro-ministro Tony Blair, que ocupou o cargo entre 1997 e 2007. Num discurso de 2001, Blair fez alusão ao conceito, pregando que “as pessoas deveriam ascender de acordo com o mérito e não nascerem”.

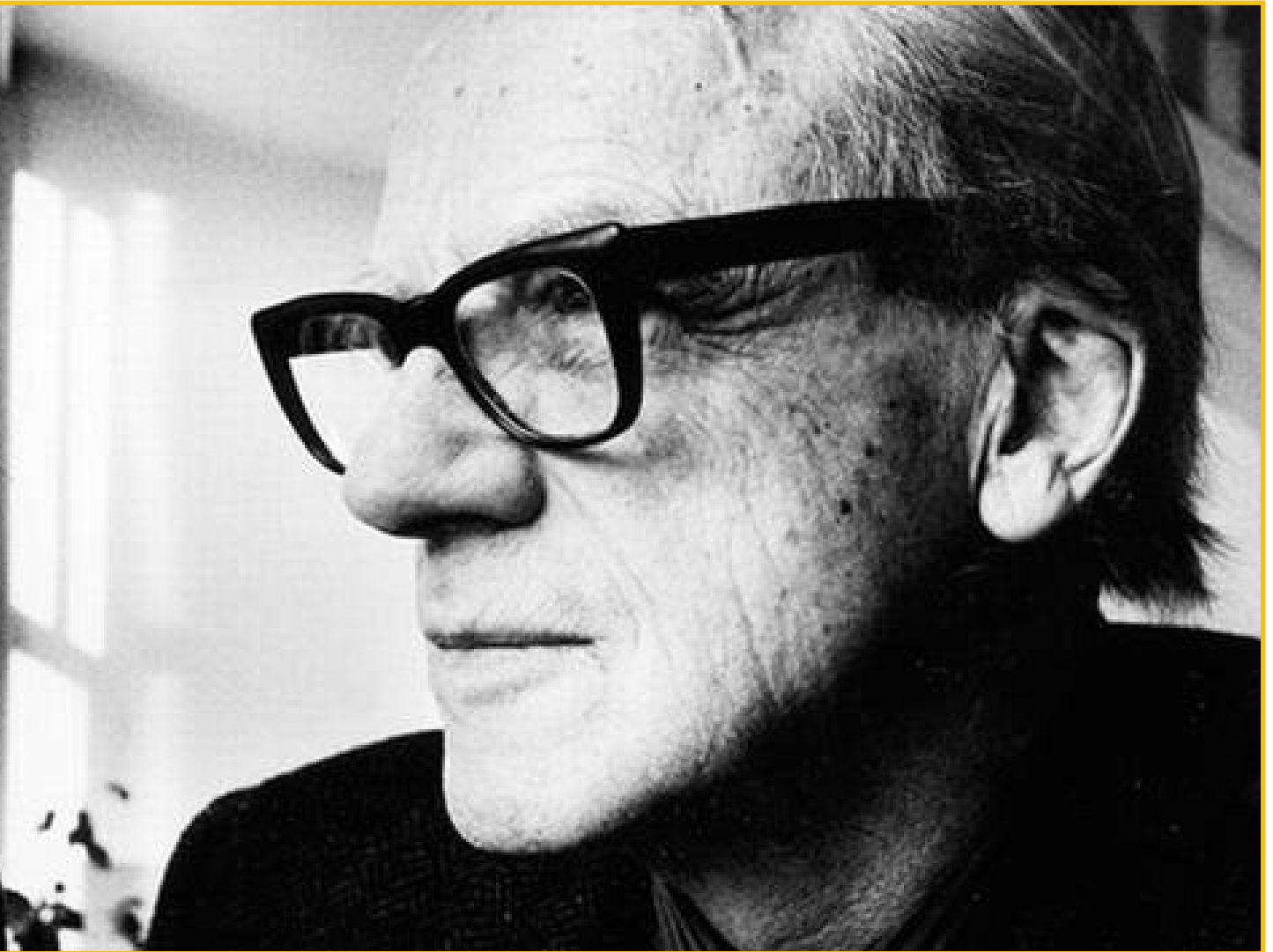
Num artigo para o jornal britânico The Guardian no mesmo ano, Young criticou o político pelo uso inadequado da palavra. “É altamente improvável que o primeiro-ministro tenha lido o livro, mas ele abraçou a palavra

sem se dar conta dos perigos do que está a defender”. Figura importante do Partido Trabalhista britânico (o mesmo de Blair), nas décadas de 1940 e 50, o autor foi um dos responsáveis por nortear políticas trabalhistas em áreas como educação, saúde e habitação.

Em Cabo Verde o termo é recorrentemente usado sobretudo pelos políticos. Por exemplo quando se fala dos concursos para ter acessos aos cargos na administração pública fala-se muito da meritocracia.

As principais críticas à ideia de meritocracia tem a ver com a igualdade de oportunidades para to-

Fora tema



dos porque senão falar de meritocracia pode tornar-se ridículo. É como, por exemplo, discutir o mérito de quem chegou em primeiro lugar em uma corrida onde as pessoas saíram em tempos diferentes e a distâncias diferentes. No seu artigo de 2001, Young lembrou que a prática pode criar um sistema viciado: “É bom senso indicar pessoas individuais a trabalhos com base no seu mérito. É o oposto quando aqueles que são considerados possuidores de um certo tipo de mérito se engessam em uma nova classe social que não permite lugar para os ou-

tros”. Entre seus defensores, há quem ressalve que o conceito vale apenas para situações específicas, não para a sociedade como um todo. Por exemplo, como critério de seleção ou promoção dentro de uma empresa. Mesmo nesse tipo de situação, há espaço para desequilíbrio. Uma pesquisa de 2016 do MIT (Massachusetts Institute of Technology) identificou que organizações que usam a meritocracia como base para políticas de recompensas têm mais chances de oferecer recompensas de maneira desigual a indivíduos com performance parecida,

mas com gênero, etnia ou origem social diferentes. Num artigo de 2012 para o Financial Times, Daniel Bell, professor de teoria política na universidade chinesa de Tsinghua, e Eric Li, capitalista de risco em Shanghai, explicaram as vantagens do modelo meritocrático para o preenchimento de cargos no Partido Comunista Chinês. Neste sistema, aspirantes enfrentam alta competição em diversos níveis para ascender dentro da máquina partidária e na administração pública. Testes de personalidade e qualificação ocorrem em várias etapas. Só aque-

les com um histórico de desempenho excelente alcançam os níveis mais altos. “Em vez de perder tempo e dinheiro tentando angariar votos, líderes podem buscar a melhoria de seu conhecimento e desempenho”, afirmaram os autores do artigo. Mas fazem a ressalva em seguida: “a meritocracia só pode funcionar em um sistema de partido único”. Na democracia, com a alternância de partidos, não há garantia de permanência num cargo público por muito tempo.

**José Maria Gomes Rebelo***

Não podemos ignorar a presença do crime organizado em Cabo Verde e nem o perigo da proximidade do país ao radicalismo islâmico.

Em entrevista ao Terra Nova Ideias, José Rebelo fala abertamente da violência em Cabo Verde. A forma como se tem abordado o fenómeno representa uma das novidades na sua caracterização, num país cujas dinâmicas de transformação da era pós-independência surpreenderam as instâncias de mediações de conflitos. As perguntas e respostas se centraram à volta de questões concretas como os problemas da lotação das prisões, os fracassos da reinserção social e os riscos da tirania do poder. O crime organizado, o narcotráfico e o extremismo islâmico são assuntos que se podem ler abaixo.

Entrevista

O que há de novo na caracterização da violência no nosso país?

De tudo o que se tem dito e feito, a grande novidade está na forma como a violência está a ser debatida. Hoje, tal preocupação não é apenas das instituições tradicionais que se preocupam com os fatores que perturbam as relações sociais. Ela é também da sociedade civil e das pessoas que clamam por maior comprometimento do Estado para com os desafios decorrentes da situação que, pese embora não serem novas, hoje trazem preocupações acrescidas derivadas dos efeitos da globalização e contornos particulares que apresentam. A violência no lar, o abuso sexual de menores, e atualmente, com menos incidência que há dois anos, os casos de homicídios na camada jovem, são preocupações locais em apreciação. No entanto, merecem uma atenção particular, os crimes de desaparecimento de pessoas, os riscos derivados de tráfico e consumo de drogas e a própria ameaça do terrorismo, pelo facto de, apesar de os seus mecanismos de instalação na sociedade serem silenciosos, poderem aproveitar determinadas fragilidades sociais existentes para visar um dano maior, com impacto sobre a vida humana, sobre as estruturas sociais e influência do poder soberano. O próprio poder político, ciente dos problemas advenientes, começa a dar sinal de mudança de paradigma dos modelos de abordagem que as políticas públicas devem ter a respeito.

Tendo em conta de como se combateu a vio-

lência no antes e no depois da democratização, podemos dizer que a violência é um traço do Estado cabo-verdiano?

Perentoriamente, não. Concordando com vários estudiosos da violência pós-guerra, ela não é fruto de grupos, classes ou faixa etária específica. A violência está presente em todas as sociedades, classes sociais e grupos. Entretanto, ela nutre-se de fragilidades existentes em diferentes estruturas para se manifestar, trazendo a nu a ausência de coesão comunitária e social, disputa, ausência ou submissão de um poder. Todavia, as transformações havidas nas últimas quatro décadas foram bastante aceleradas e as instâncias de mediações de conflitos poderão não ter acompanhado, com a mesma dinâmica, o processo de expansão dos direitos e liberdades e recomposição de estruturas apropriadas para repor o equilíbrio social e controlo das anomias que surgiram. Contudo, trata-se de um desafio comum às outras sociedades, umas com exemplos de políticas públicas e sociais bem-sucedidos e outras que continuam a buscar o melhor caminho como nós.

Fomos uma sociedade escravocrata e profundamente estratificada socialmente (brancos, negros, mulatos). Esse fato tem algo a ver com a violência?

O mundo caminha cada vez mais para um processo de globalização e criouliização, circunstância em que Cabo Verde foi pioneiro, pese embora, determinado por contexto específico. Tenho alguma relutância em aceitar esta visão de con-

flicto racial ou de classe como justificativa da violência que nos é próxima atualmente, porque, não obstante, algum resquício de disputa identitário de classe e raça que possa ainda existir no contexto cabo-verdiano, tal diversidade, tem-se revelado mais numa riqueza do que na clivagem “*babeliana*” sustentada por alguns. No caso da violência que se vive, ela não difere do vivenciado nas sociedades em transformação, que não tiveram passados escravagistas e que apesar de problemas de classes, os problemas não foram de negros, brancos e mulatos. A violência cabo-verdiana no contexto atual, não tem nada a ver com as motivações das revoltas do século XIX. As mesmas não têm sido de iletrado contra letrados, de empregados contra patrão, nativos contra visitantes, e nem tão pouco, de representados contra representantes — que se desentendem, muito mais, entre si do que contra a estrutura dominante. Os registos das incidências mostram, por exemplo, que a violência baseada no género acontece maioritariamente em casa, os casos de homicídios na camada jovem têm sido maioritariamente entre jovens que pertencem a grupos rivais do mesmo contexto urbano e condição social e o abuso de menores perpetrados por pessoas próximas das vítimas. Arriscaria a dizer que existem mais políticos desavindos dentro da mesma família partidária do que em relação à oposição afetada, apesar de a verbalização e adjetivação violenta que ainda é utilizada na forma de se fazer política em Cabo Verde.

Recentemente o senso das nossas cadeias mostrou uma sobrelotação. Porque ocorre o encarceramento em massa e qual o efeito disso?

Efetivamente, vários relatórios têm apontado uma sobrelotação das nossas cadeias o que põe a nu a capacidade de investimento público para dar respostas às condenações de reclusões individuais (não em massa) que se reivindica, confrontados com limitações de condições de sobrelotação dos centros de reclusão e problemas de reinserção social. O primeiro efeito está visível nas altas taxas de reincidências assumidas pelas instituições prisionais: pessoas que saem de cadeia e num curto espaço de tempo retornam ao regime carcerário; tal demonstra que o pior pode não estar nas condições, muitas vezes, reclamadas como não, a mais desejável, mas sim, no défice e/ou ineficiência das políticas ativas de reinserção social. Um segundo efeito, muito mais dramático, não obstante, silencioso, relaciona-se com o estigma presente na nossa sociedade no relacionamento com pessoas com histórico prisional: ao não se sentirem corretamente reinseridos/acolhidos na sociedade, rapidamente, esses ex-reclusos podem estar a tornar-se vítimas do estigma social e do aproveitamento que o crime inteligente faz. Não podemos ignorar a presença do crime organizado em Cabo Verde nem o perigo da proximidade do país ao radicalismo islâmico. Sem querer confundir a religião com a violência, o número de detidos e ex-detidos convertidos ao islamismo tornou-se



...duvido que o aumento da pena seja a melhor solução, face à dúvida que tenho em relação à eficiência da política de reinserção social e da cultura judiciária atual...

visivelmente expressivo.

O senso comum entende que o endurecimento penal seria suficiente para conter a criminalidade. Isso procede?

O endurecimento da pena, além de caro, pode ser apenas um falso pretexto como medida de contenção da criminalidade. Os fins da pena não são punições nem tão pouco vingança. A pena tem por finalidade a reparação dos danos causados a sociedade, a reeducação e reinserção social do indivíduo. Para que haja justiça, basta a certeza da aplicação da lei. Pessoalmente, duvido que o aumento da pena seja a melhor solução, face à dúvida que tenho em relação à eficiência da política de reinserção social e da cultura judiciária atual, pelo menos, em relação aos crimes mais comuns.

Às vezes a própria polícia é acusada de violência nas suas atuações. Há risco de cair na tirania do homem armado?

O uso da força nas atuações policiais pode acontecer. Está regulado na lei e na constituição e tem como limite a legalidade, a necessidade e a proporcionalidade. Nas circunstâncias em que é aplicado, muitas vezes o tempo de tomada de decisão é bastante curto e o excesso que pode ocorrer, sobre-

tudo no contexto atual de vulgarização de violência entre os indivíduos mas são motivo de celebração ou apanágio das corporações nem dos profissionais briosos. Tal, não deve ser confundido com desvio às normas, igualmente possível. O certo, sendo previsível deve-se entender que quando ocorre, merece ser convenientes descortinado por estruturas orgânicas próprias comuns às instituições que tutelam o uso discricionário do poder. No caso, a tirania do poder deve ser acautelada, convenientemente, sob pena de se manchar a atribuição constitucional do uso legal da força cometido à Polícia para garantir o direito à vida, liberdade e proteção pessoal dos indivíduos e da coletividade, em face de ameaças que os colocam em perigo. A ausência de unidade de inspeção interna e de manuais de procedimentos e controlo de qualidade nas forças policiais e o défice de autonomia funcional e organizacional da Inspeção Geral da Administração Interna podem configurar uma das grandes fragilidades democráticas das nossas forças de segurança, uma vez que o controlo hierárquico disciplinar interno e o controlo judicial externo, têm gerado resultados mal ou



não fundamentados, muitas vezes extemporâneos e nos mais das vezes, com prejuízos na imagem corporativa e insatisfações das partes envolvidas.

Qual o papel da justiça para travar a violência nos seus vários aspetos?

A justiça existe para dirimir os conflitos através do julgamento dos casos. É certo que muitos acreditam que um julgamento rápido, com atribuição de penas justas, possa contribuir para a persuasão da violência. Entretanto, o contributo da justiça dificilmente poderá ultrapassar os limites decorrentes da própria equidistância dos assuntos em juízo. Podendo contribuir para a celeridade da justiça, já seria o bastante porquanto as ações preventivas deveriam ser desencadeadas através de políticas públicas apropriadas para o efeito.

Como é que o tráfico de droga fez ou faz aumentar a violência em Cabo Verde?

Hoje, quando se fala da droga em Cabo Verde, aborda-se o tráfico e o consumo. Um grande número de pessoas condenadas por roubo afirma que começou a furtar e a roubar porque precisava de dinheiro para alimentar o vício. Há outras pessoas que praticam violência que não usam drogas, assim como, existe quem tenha socorrido da droga ou álcool para ganhar coragem de ir avançar com uma ação violenta. São realidades que se cruzam e que tornam tanto o tráfico como o consumo elementos que estão na origem de um determinado tipo de violência, nomeadamente, furtos, roubos e ajustes de contas identificados. Alguns relatórios in-

Entrevista



ternacionais apontam que o país deixou de ser apenas ponto de passagem e que pequenas quantidades vêm sendo deixados nas ilhas como pagamento de serviços de intermediários ou para o mercado de consumo. Normalmente, isso representa sinais concretos, tanto de ponto de vista de pretensão da expansão do mercado como também de interesse estratégico, com fins de enfraquecer o próprio Estado.

Qual a política mais adequada em relação às drogas?

Cabo Verde tem dado sinal inequívoco do seu engajamento na comunidade internacional e cooperação para a segurança global. Entende-se que por detrás da droga está a lavagem de capital e em consequência o financiamento do crime organizado. O crime organiza-

do pode representar a maior ameaça externa ao Estado de Cabo Verde uma vez que o país tem fraquezas que só poderão ser superadas num quadro global de cooperação em matéria judiciária e policial, incluindo, reforço e equipamentos das forças de segurança, treinos e gestão estratégica de informações de interesse transnacional. Outro desafio importante é vencer a pobreza e a estigmatização. Não vencendo a pobreza e a estigmatização, o país terá sempre lobos solitários a mercê das tentadoras propostas globais que permitem instalar tentáculos passíveis de lançar caos e penetrar às próprias estruturas decisórias da soberania. De natureza igualmente importante, será um investimento consciente e contínuo na vigilância e prevenção tanto do consumo como do tráfico local.

José Maria Gomes Rebelo é investigador independente, autor dos livros: “Insegurança e Prevenção:

Retratos de desafios de Mudança” (2017) e “Violência e Criminalidade: Uma Perspetiva da Realidade Cabo-verdiana” (2015). É ainda co-autor da obra “Segurança e Defesa: Conflitos, Criminalidade e Tecnologia de Informação” (2017).

Tem participação com frequências e em programas de rádio e televisão de debates e análises sobre temas de segurança.

Mestrando em Direito e Segurança pela Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa (2018-), formado em Liderança e Inovação na Gestão do Desenvolvimento pelo Instituto Pedro Pires e Bridgewater State University (2015-2017), graduado em Ciências de Comunicação/Jornalismo pela Universidade Jean Piaget de Cabo Verde (2005) e Certificado em Segurança e Ordem Pública pela Cooperação Técnica e Científica França/Cabo Verde em Matéria Policial (2005-2016) e Escola de Polícia Daniel Monteiro (1994-1995).

Cabo Verde foi concebido com base na violência

Ao considerar as diferenças sociais produzidas pela divisão de gênero e levantar seus dados, ficam evidentes as mil faces da violência. “As políticas de gênero, em Cabo Verde, têm-se traduzido apenas no empoderamento da mulher. Isso porque a mulher tem, claramente, avançado rumo a conquistas importantes e o homem não tem acompanhado esse processo, fica para trás, inclusive financeiramente”, considera Marilene Pereira em entrevista por e-mail ao Terra Nova Ideias.



Marilene Pereira

Marilene Pereira é Professora e jornalista com incursões na literatura infantil e juvenil. É atualmente a Diretora do Centro Cultural Brasil-Cabo Verde.

Entrevista

Há também um lado da violência que é ainda socialmente pouco discutido mas que tem preocupado a nossa entrevistada. Trata-se da violência no namoro até porque segundo ela “há uma espécie de aceitação por parte das meninas”. Muito além de questões policiais e burocráticas em relação à violência, as cicatrizes psicológicas são permanentes e trazem efeitos em várias dimensões da vida. A violência tem um impacto emocional muito grande na vida das mulheres, pois afeta a sua auto-estima, percepção de sua própria identidade, desejos e necessidades. Suga as energias das mulheres, que utilizam diversas estratégias para enfrentar a violência, inclusive através do silêncio. Para Marilene Pereira, porém é muito mais do que isto: “mais que marcar a vida da mulher, a violência do gênero tem colocado fim à vida de muitas mulheres”. Confira a entrevista.

Como entender o crescimento do recrudesimento da violência em Cabo Verde?

Será que há mesmo um recrudesimento da violência ou há mais publicitação dos casos? Não haverá mais consciência por parte das pessoas e, logo, mais denúncias? Lembro-me de que, quando cheguei aqui, há 30 anos, as pessoas diziam, relativamente às festas, que uma festa não tinha sido boa porque não tinha havido nenhuma facada. Mas, voltando à pergunta, sabemos que Cabo Verde foi concebido com base na violência, de homens retirados de sua terra para serem explorados aqui,



...os dados mostram, mais que marcar a vida da mulher, a violência de gênero tem colocado fim à vida de muitas mulheres, marcando o presente e comprometendo o futuro



...é também um problema do homem a partir de certa idade, o que se mostra é o corpo da mulher.

de mulheres que serviam como animais reprodutores. Portanto, sociologicamente falando, a origem tem como base a violência. Entretanto, não temos dados comparativos para falar, cientificamente, de aumento ou não da violência. O que temos é o nosso olhar, e o que sai nos media.

Como é que a violência de gênero marca a vida de uma mulher? Quais são os aspectos subjetivos envolvidos?

Na verdade, os dados mostram, mais que marcar a vida da mulher, a violência de gênero tem colocado fim à vida de muitas mulheres, marcando o presente e comprometendo o futuro. E há aspectos culturais atrás disso, para além do machismo. Há, no caso de Santiago, por exemplo, aquela lógica do “amor di badiu”, relacionado com violência física, há, ainda, algo que ultrapassa a nossa sociedade, de que “um tapinha não

dói”. Há, ainda, mais grave, aquela afirmação de que a mulher gosta de apanhar. E ainda, a nível dos media mundiais, através da publicidade, uma coisificação da mulher. Até, por exemplo, para incontinência urinária, que é também um problema do homem a partir de certa idade, o que se mostra é o corpo da mulher.

Por outro lado, e de mais longa data, há a questão de nossa cultura judaico-cristã, que é a nossa, na qual a mulher, a partir de Eva, se tornou culpada. E isso nem a existência de Maria, mãe do Salvador, e, logo, salvadora também, conseguiu alterar. Ainda há mais marketing do pecado da Eva do que da presença salvadora de Maria.

Tem aumentado o número de crimes passionais onde o homem mata a mulher e depois se suicida. Há alguma explicação para isso?

Também não posso fa-

lar em aumento, porque não tenho estatística. Mas a verdade é que tenho pensado muito sobre isso. E venho falando, nos últimos três, quatro anos, que a violência do homem contra a mulher vai aumentar. E por que? No meu ponto de vista, as políticas de gênero, que em Cabo Verde se têm traduzido apenas no empoderamento da mulher, são uma das causas. Isso porque a mulher tem, claramente, avançado rumo a conquistas importantes e o homem não tem acompanhado esse processo, fica para trás, inclusive financeiramente. E ele não foi preparado para essa nova realidade. Assim, a única coisa que resta a esse homem, com escolaridade mais baixa que a mulher, com menos oportunidade de trabalho, em decorrência também da baixa escolaridade, é a força física. Isso tudo caldeado por uma educação machista.

Além disso, como uma parte significativa desses crimes envolve relações afetivas – a velha e doentia relação entre amor e ódio – penso que, muitas vezes, ao dar-se conta que perdeu para sempre o ser amado o homem não vê outra saída senão terminar com a própria vida. Isso revela, duplamente, a fragilidade emocional do homem, que na sociedade machista não é preparado para gerir emoções, não é preparado para se colocar no lugar do outro, não é preparado para ter compaixão porque sempre, historicamente, foi colocado num pedestal. Paradoxalmente, esse pedestal não se traduz em mais atenção dentro de casa, visto que a vida desse homem decorre,

maioritariamente, na rua.

Considera que as mulheres cabo-verdianas são também violentas?

De certa forma sim, na sua relação com os filhos. Ainda é muito comum bater, às vezes de forma violenta, nas crianças. Assim as mulheres, que são a maioria dos chefes de família do país, acabam por reforçar e reproduzir a violência, isso porque é lógico que quem apanha, quando puder vai bater.

A que se deve essa violência feminina?

Ao ciclo da própria vida das mulheres. Cresceram vítimas de violência física, psicológica, económica....

Ultimamente, fala-se também de violência no namoro. Há razões para preocupação?

Com certeza. E isso parece ser um fenómeno global. E, o mais grave, é que há uma espécie de aceitação por parte das meninas, que consideram – já há es-

tudos a provar isso – uma certa violência do namoro (no começo quase sempre psicológica, com excesso de ciúmes e controlo do telemóvel, do email) como um sinal de amor.

Muitas vezes, nos últimos anos, os jovens da periferia dos centros urbanos, na sua afirmação identitária, tomam como valor a questão da violência e do armamento. O fato de Cabo Verde ser um país um pouco machista agrava a situação?

Agrava a situação o fato de não haver uma educação de qualidade, que integre os rapazes. O que tenho notado, desde a época em que dava aulas no ensino secundário, é uma erosão de jovens do sexo masculino do sistema de ensino a partir do nono ano. Sem escola, sem trabalho, sem nada para fazer... cabeça vazia é morada do diabo, como é comum

dizer-se. Se o machismo agrava essa situação? Em parte, visto que na lógica machista o homem já nasce pronto e completo. Não precisa aprender nada nem apoio de ninguém. E isso já não funciona num mundo de política de direitos e deveres iguais entre homens e mulheres.

De que forma essas ocorrências ilustram algum cenário de violência interior?

Não vejo como um cenário de violência interior, vejo um cenário de confusão interior – numa sociedade forjada na violência – num mundo que procura combater essas posturas, com campanhas de promoção dos direitos humanos, de respeito pelo outro, da solidariedade. E, por outro lado, quando os jovens, sobretudo, consomem produtos televisivos, como filmes e séries que hoje, na sua maioria, são praticamente instrumentos de promoção da violência.

Que papel podem desempenhar as escolas?

Em muitos casos as escolas não estão a conseguir desempenhar o papel que devem ter, como ensinar, com qualidade, as quatro disciplinas básicas. E noutros é a própria escola, através de práticas condenáveis de certos professores, a reproduzir violência. Há professores em escolas da cidade da Praia que ainda utilizam a palmatória. Um dia destes, encontrei com uma criança vizinha que se mostrava cansada e revoltada porque ficou de castigo, numa escola privada, uma hora porque tinha se esquecido de copiar um parágrafo numa lição. Além disso, foi obrigada a copiar em casa o parágrafo uma série de vezes, quando já tinha excesso de TPC. Isso não é violência? Que tipo de educação contra violência uma escola assim pode dar?

PUBLICIDADE

**QUEM ASSINA UM
JORNAL INDEPENDENTE
ASSINA UM COMPROMISSO
COM A DEMOCRACIA**

ASSINE O **TERRA NOVA**

TN

Filho de Deus Nenhum

«Homem e mulheres enfurecidos atacaram a cadeia onde se encontra detida a assassina do pequeno Lizandro, de três anos, morto à dentado. Autoridades redobram a segurança da prisão temendo linchamento».

«Comissão dos Direitos Humanos marca manifestação silenciosa em todas as ilhas do arquipélago, como chamada de atenção para o caso Lizandro». «Organização dos Pioneiros Abel Djassi, com bandeira a meia haste...» «Pessoal dos jardins infantis de Cabo Verde reúnem-se com pais de crianças, para debate...».

«Estudantes das escolas primárias manifestam a sua revolta pelo assassinato do Lizandro».

Estes títulos não apareceram na imprensa falada e escrita da nossa terra. Aparentemente revoltamo-nos com tudo, desde o aumento dos preços dos bilhetes do cinema, à morte, à dentada, do Lizandro, no Sal, mas vamos habituando, docemente, nos habituando a casos semelhantes que se multiplicam. E vamos perdendo o sentido da tragédia e da relatividade dos crimes. A sensibilidade que nos caracteriza, existia mesmo? Mulheres amachucadas. Homens maltratados. Crianças espancadas, de cabeças e mãos rebe-tadas, sorrisos desfeitos e olhos vazados. Éramos um povo de brandos costumes. Mortes anunciadas. Prazos que se cumprem. O pequeno Lizandro não resistiu



às mordeduras e às pancadas da madrasta. Ele tinha apenas três anos. Dolorosos três anos. Onde estão os três anos dos teus filhos? Os três anos dos meus filhos? Filho de Deus nenhum, ele nunca seria o coleguinha de outros meninos de algum jardim. Nunca teria um

professor, um amigo, um trabalho, um amor, uma vida vivida. Não conheceu alegrias. Para ele, apenas tristezas que o seu corpo cedo recusou. E as outras crianças espancadas por esse país fora, por esse mundo fora? E os traumatismos que nunca saberemos, as mortes de que não daremos conta? Éramos um povo de brandos costumes. Na normalidade do quotidiano, a violência ganha espaço e afirma-se. Alguns defendem que a nossa dureza vem das rochas, da fome e das secas. Outros encaixam-na na escravatura.

E vamos fabricando teorias para justificar a sensibilidade e o ser cruel que existem em nós. Em todos nós. O Lizandro não resistiu às dentadas. Quantas vezes não terá sido mordido ou batido? Quem ouviu o seu choro? Hoje, sentimentos de compaixão, mas Lizandro, filho de Deus nenhum, já não precisa de pena. E os Lizandro que ainda vivem? E os outros abusos praticados nas nossas crianças? Continuamos calados e as estatísticas não falam.

... para quê celebrar o primeiro de Junho?

Conto da autoria de **Dina Salústio**
retirado do livro "Mornas eram as noites"

CONDIÇÕES DE ASSINATURA DO JORNAL TERRA NOVA

Se não é assinante ou por qualquer motivo deixou de o ser, abra hoje mesmo uma assinatura.

Escolha o tipo da sua assinatura:

- A) **Assinante individual (1000\$00/ano)**
- B) **Assinante benfeitor (+ de 1000\$00/ano)**
- C) **Assinante digital (500\$00/ano)**
- D) **Assinatura coletiva** (A partir de 10 exemplares, existe um desconto de 20%)

Envie o comprovativo do depósito para:

Jornal Terra Nova, CP: 112/C, Achada São Filipe - Praia ou Jornal Terra Nova, CP: 166, Mindelo - São Vicente ou faça-o chegar à sua Paróquia ou aos Irmãos Capuchinhos ou através do e-mail: jornalterranova@gmail.com
N.º DA CONTA BANCÁRIA: BCA – 5758503/CECV – 36748578

PUBLICIDADE



NOSSOS SERVIÇOS PARA O ANO 2019

COACHING PARA:

- PCA e CEO;
- Docentes;
- Coaching Financeiro;

CERTIFICAÇÕES:

- Profissional Life Coaching (PLC);
- Profissional Business Coaching (PBC);
- Master Coaching(MC);

FORMAÇÃO PRÁTICA E INTENSIVA

- Inteligência Emocional;
- Sessões de Coaching com Ferramentas;
- Liderança e Coaching;
- Programação Neurolinguística- PNL;
- Palestras e Workshops;



Rua Vila dos Espargos, nº30, Palmarejo
9912150 / 9971030 / 2617600
info@cabo-verdecoaching.cv

A cicatriz de uma violação ultrapassa o corpo. Fica na alma



Jacob Vicente

Não há respostas simples para explicar a violência nem em Cabo Verde nem em lado nenhum. Mas em Cabo Verde tem faltado uma política pública estruturada e articulada para combater a violência a todos os níveis, considera o psicólogo social e consultor em estratégia e políticas sociais Jacob Vicente. “Não se consegue vislumbrar em Cabo Verde uma plataforma onde estão os vários actores políticos e sociais para promoverem uma estratégia contra a violência” afirma Vicente na sua entrevista ao Terra Nova Ideias. Jacob Vicente que há muito tem estudado o fenómeno da violência contra crianças e adolescentes e que em 2016 lançou o livro Gritos no Silêncio – Pedofilia, Abuso Sexual e Sociedade Cabo-Verdiana considera, no entanto, que não há uma faixa etária com tendência para ser mais violenta. “Em todas as etapas da vida, tem-se tendência para se ser violento ou não, pois, as motivações e tipologia de crime é que mudam”, assevera Vicente. A solução para o nosso entrevistado passa pela promoção da educação/instrução porque só assim é possível “diminuir o máximo possível, as motivações que levam um indivíduo a praticar qualquer tipo de violência”. Caso contrário, continuamos a ter as cadeias cheias. Neste quesito, Jacob Vicente avança com uma proposta ousada: “acabar com todas as prisões de Cabo Verde deixando apenas a de São Martinho. Adaptar a prisão da ilha do Sal como uma casa de correção para os jovens entre os 16 a 21 anos e introduzir a pulseira electrónica no sistema prisional”. Confira a entrevista.

Entrevista

Em Cabo Verde podemos falar, de certa forma, de banalização da violência?

Penso ser flagrante a constatação diária da prática de várias formas de violências no nosso país: quer seja física, quer seja psicológica, quer seja moral, quer seja sexual, quer seja patrimonial e/ou econômica, quer seja política, etc. Umas mais explícitas, outras mais implícitas, mas todas estas formas de violência constituem um facto, e posto isso, penso que sim: podemos afirmar que há no país uma certa banalização da violência.

Acredita que essa banalização tem relação com as desigualdades sociais?

Esta banalização tem a ver com inexistência de uma política pública estruturada e articulada para combater a violência a todos os níveis. Na minha opinião não se consegue vislumbrar em Cabo Verde uma plataforma onde estão os vários actores políticos e sociais para promoverem uma estratégia contra a violência (Ministérios da Educação, Administração Interna e Justiça, altos representantes das igrejas, plataforma das ONG, Comunicação Social, Ministério Público, Tribunais, Ordem dos Advogados). A promoção da paz requer a participação dos mais altos representantes dos vários estratos sociais, para que possam participar na implementação das políticas sociais, abraçando-as como deles e por consequência motivar os seus pares na sua implementação. A promoção da não-violência, na

minha opinião, passa sem dúvida pela discussão e socialização das medidas encontradas para o efeito a nível local, a nível do município, a nível da ilha e a nível do país. Requer-se-á um estudo profundo, que permitirá identificar variáveis interdependentes que muitas vezes, a olho nu, não estamos a conseguir ver. É uma luta de todos nós, mas o Governo deve ser o grande mentor e promotor desta iniciativa, na minha opinião.

Qual a faixa etária que tem tendência a ser mais violenta?

Em todas as etapas da vida, tem-se tendência para se ser violento ou não, pois, as motivações e tipologia de crime é que muda. Por isso, sou apologista daquela máxima que diz, que quem educa uma criança não castiga o homem. A promoção da educação e da instrução devem andar juntas, como forma de diminuir o máximo possível, as motivações que levam um indivíduo a praticar qualquer tipo de violência. Temos que estar atentos: a violência é consequência de algo. Temos que, de forma reiterada, estar sempre a perguntar o porquê da tal violência. A causa subjacente à violência é que tem que ser descoberta e quando isso acontecer, estaremos em condições de instruir, educar, diminuindo desta forma a possibilidade da ocorrência de determinados tipos de violência.

E qual a faixa etária que é mais vítima da violência em Cabo Verde?

Infelizmente, não tenho dados específicos sobre esta matéria. Mas, destaco

a violência contra as crianças, mulheres e idosos.

O senhor escreveu um livro sobre abusos sexuais a crianças e adolescentes. Qual é a tese de fundo do seu livro?

“Gritos no Silêncio – Pedofilia, Abuso Sexual e Sociedade Cabo-Verdiana” é um livro que foi escrito, por um lado, com o objectivo de quebrar o tabu existente sobre o tema e a negação oficial que existia até à altura, sobre o aumento deste tipo de violência contra as crianças. Por outro lado, foi escrito para promover debates públicos em todos os cantos e recantos do país sobre este tema, levando mais conhecimento sobre o tema para encarregados de educação e professores, igrejas e a sociedade civil de uma forma geral. Penso ser inegável que, depois do lançamento deste livro, se deu um grande salto em iniciativas governativas e associativistas sobre este tema. Inclusive, já temos uma data nacional (4 de Junho) para se refletir a nível nacional sobre esta epidemia social.

Quanto a violência contra a criança e o adolescente hoje pode ser perigosa para o futuro?

A cicatriz de uma violência ultrapassa o corpo.

Fica na alma! Curar esta ferida, impõe criação de condições diversas, tais como: psicoterapias, ajuda familiar e social, para que a vítima fique com o sentimento de que se fez a justiça, etc., etc. Não é fácil, mas possível. Nesta perspectiva, sim, crianças agredidas e violentadas sob qualquer tipo de crime, podem ficar com o seu futuro em causa.

Hoje há mais denúncias de casos de abusos contra crianças. O que mudou na nossa sociedade?

Quando se quebra o tabu, consequentemente abre-se um espaço para esclarecimento e aprendizagem, o que gera confiança e esta por sua vez, motiva as pessoas a denunciarem mais e a estarem mais comprometidas com a lei e com o bem estar social.

Haverá uma forma de combater a violência muito mais ampla. Mas a maioria das políticas públicas parece compreender a violência apenas como caso de segurança pública. Estará aí a principal inabilidade do Estado para lidar com a violência?

Sim. Penso que já respondi esta pergunta anteriormente. Não existe

JACOB VICENTE é Especialista em Psicologia Social, Escritor e Consultor em Estratégia e Políticas Sociais e já foi Diretor Geral dos Serviços Penitenciários e de Reinserção Social. É autor do livro “Gritos no Silêncio – Pedofilia, Abuso Sexual e Sociedade Cabo-Verdiana” em que narra casos reais que envolvem pedofilia e abuso sexual, na óptica das vítimas. Também em 2009 escreveu o livro “Sida a doença dos outros”.



...crianças agredidas e violentadas sob qualquer tipo de crime, podem ficar com o seu futuro em causa.

segurança pública com sucesso, sem estar inserida dentro de uma estratégia de política social bem estruturada. Segurança pública é apenas um dos eixos da política pública.

A violência do nosso tempo, tanto na perspectiva individual como coletiva, pode ser associada a algum vazio gerado a partir de algum momento da nossa história?

A estrutura social de Cabo Verde sofreu uma brusca alteração desde a independência até aos nossos dias. E, na minha opinião, hoje temos uma estrutura social pouco estudada, em que as políticas sociais são desenhadas sem estudos prévios, onde há uma grande desigualdade social, com vários tipos de famílias, com a juventude a exigir cada vez mais, com os políticos (situação e oposição) em clara dessintonia com os seus eleitores, com entrada cada vez mais de influências estrangeiras, enfim, somos um país multicultural onde muitos valores precisam ser entendidos, formatados e socializados, na minha opinião.

Crimes de maior gravidade não costumam ser elucidados, o que acarreta a falta de condenação dos autores. Por

outro lado, cadeias estão lotados de criminosos de menor perigosidade. Isso não é uma distorção?

Não existe um sistema de justiça perfeito, mas pode-se melhorar e muito aquele que temos. Claramente, o país precisa urgentemente de melhorar o sistema de justiça em todas as seus vertentes. Quanto aos crimes graves que ficam sem ser punidos, como é o caso da corrupção activa e passiva e a impunidade explícita, penso que tem a ver com atitude corajosa e clara dos governos neste domínio. Nunca ouvi nenhum deputado da República propor medidas legislativas sobre esta matéria, como por exemplo, tornar crimes de corrupção como crimes imprescritíveis. O povo precisa sentir o efeito da justiça, no seu dia-a-dia. Não podemos continuar a assistir em Cabo Verde, um país pobre, a pessoas entrando na política como qualquer um e quando sai, sai como um rico e o sistema judicial não investiga, não acusa e não julga. É este sentimento de impunidade que tem levado muitos jovens sem nenhuma experiência profissional relevante a fazerem de tudo para conseguirem um cargo político.



...crianças agredidas e violentadas sob qualquer tipo de crime, podem ficar com o seu futuro em causa.

O que sustenta a corrupção é a impunidade e o que alimenta a impunidade é a falta do cumprimento da lei, pelos órgãos competentes.

Frente à sobrelotação prisional, o que é preciso fazer?

Já defendi em tempos, acabar com todas as prisões de Cabo Verde deixando apenas a de São Martinho. Adaptar a prisão da ilha do Sal como uma casa de correção para os jovens entre os 16 a 21

Entrevista



anos e introduzir a pulseira electrónica no sistema prisional. Com estas medidas, Cabo Verde passaria a ter uma prisão com um máximo de 630 reclusos. Estas medidas iam permitir ao Estado poupar em despesas e melhorar o financiamento no sistema de justiça, incluindo nas prisões.

Que contributo dá o nosso sistema prisional no combate à violência?

Na minha opinião, já houve tempo que não dava

nenhum contributo, hoje em dia, tem estado a dar mais e espero ver melhorias no futuro.

Não é ele mesmo um sistema violento?

O sistema prisional tem um carácter punitivo, bem como um carácter correctivo (o que implica políticas de integração, reintegração e reeducação sociofamiliar). Mas, quando não existem condições básicas de se viver nas prisões com dignidade, não se pode querer ter a ambição

das pessoas saírem de encarceramento prontas a reintegrarem-se na família e na sociedade. Basta ver a taxa de reincidência que temos no nosso sistema prisional. Na minha opinião existe uma visão, mas não existe uma política estratégica para modificar completamente aquilo que existe hoje a nível penitenciário em Cabo Verde. Entretanto, a privação da liberdade a um ser humano, em qualquer sistema, é ela mesma violenta.

Quer acrescentar mais alguma coisa?

Sim. Temos que nos concentrar nas causas que levam a violência e não na violência que é consequência de alguma coisa. As políticas devem ser integradas, articuladas e muito bem socializadas. A luta contra qualquer tipo de violência, deve ser uma causa na vida de todos nós, como quem quer dizer que somos todos nós responsáveis pela promoção da paz.



Carlos Belino Sacadura é professor e investigador na Universidade de Cabo Verde, doutor em filosofia. Após a graduação como Mestre em Filosofia Contemporânea orientou os seus interesses para a Fenomenologia, tendo depois passado a estudar as articulações entre os discursos científico e filosófico, nas suas respectivas modalidades argumentativas, que foram objecto da sua Dissertação de Doutoramento.

Carlos Belino Sacadura

Carlos Belino Sacadura, professor da Universidade de Cabo Verde, aborda de uma forma clara e sucinta a problemática da violência à luz da filosofia. Na sua abordagem, Belino Sacadura percorre um caminho desde a filosofia antiga, colocando a tónica em Platão, quando este diz na sua obra "A República", que o poder deve assentar numa ordem racional baseada nos valores do Bem, do Belo, da Justiça e da Verdade, passando pela idade medieval com Santo Agostinho que traz a ideia da cidade celestial guiada pelo amor e pelo bem, à idade moderna com Hobbes, "o homem é lobo do homem" e Maquiavel, "os fins justificam os meios", até chegar à contemporaneidade com o filósofo Francês, Roger Dadoun, com o seu conceito de homo violens, aproximando da visão cristã do amor ao próximo e defensor de uma pedagogia do amor em resposta a todos os tipos de violência. Não menos importantes, as questões religiosas e morais são lembradas, bem como a necessidade do aprimoramento de uma cultura de ética dos valores que se contraponha à violência.

Confira a entrevista.

A violência é possível em todas as dimensões da vida pessoal ou social

Como é que a filosofia aborda a questão da violência?

A filosofia demarca-se historicamente da violência desde as suas origens, porque não se funda nas razões da força – que na sua forma extrema, recorre à violência para se impor – mas na força da razão ou seja, no Logos que significa razão, palavra ou argumentação. Na sua obra *A República*, ao refletir sobre o conceito de Justiça (Diké), Platão afasta as concepções baseadas na força, que são as de Trasímaco, o qual define a justiça como a lei do mais forte, e de Cálicles, um precursor de Nietzsche que define justiça como domínio de uma elite que detém um poder “para além do bem e do mal”, ou seja, acima da lei e da ética. Para ele, o poder deve assentar numa ordem racional baseada nos valores do Bem, do Belo, da Justiça e da Verdade, os quais devem estruturar a cidade (Polis). Mais tarde, visando aproximar esta cidade ideal ou utópica da realidade, escreveu *As Leis*, porque a realização de uma sociedade justa implica uma estrutura jurídica que a organize. Num contexto cristão, Santo Agostinho contrapõe uma cidade celeste guiada pelo amor e pelo bem a uma cidade terrestre baseada

nos interesses e na vontade de poder, em *A Cidade de Deus* (*De Civitate Dei*). Já na modernidade, Thomas Hobbes considerava a natureza humana como violenta, conduzindo a uma “guerra de todos contra todos”, porque o homem é lobo do homem. Os cidadãos deveriam então conferir ao Estado (o Leviatã - Leviathan) poderes quase ilimitados, para que este impedisse a violência e garantisse a segurança, embora à custa da liberdade. Maquiavel vai também neste sentido, ao assumir que os fins justificam os meios – incluindo os meios violentos. No século XX surgiram os sistemas totalitários modernos, com Hitler e Estaline, como protagonistas de poderes impostos pela violência e repressão. Os filósofos liberais, de Locke e Montesquieu a Rawls, visaram inverter a relação que colocava os indivíduos ao serviço do Estado-Leviatã, pondo o Estado ao serviço do cidadão e abolindo os poderes absolutos mediante os limites (freios e contrapesos) que lhe são postos.

O filósofo francês Roger Dadoun introduziu o conceito de homo violens. Como entender esse conceito?

Roger Dadoun recorre a múltiplas áreas para pensar

a cultura e a sociedade, da filosofia à psicologia social, da filosofia à literatura e ao cinema. Trata-se de compreender a realidade, visando a sua transformação. A realidade não é um dado, é socialmente construída, por isso é preciso usar a sociologia para entender as suas dinâmicas, assim como a epistemologia nos permite construir um conhecimento científico dessa realidade. Mas a ciência, o conhecimento ou os conceitos não são suficientes para esta investigação, porque a nossa relação com o mundo não é apenas social e cognitiva, mas afetiva ou emocional – daí, a importância da psicologia. Dadoun efetua um trabalho psicanalítico que não é o que associamos à imagem tradicional do psicanalista conversando com um paciente reclinado num sofá ou deitado num divã, porque o que ele pretende sondar não é o indivíduo mas a dimensão social. Retoma assim as obras de Freud ligadas a esta problemática, particularmente o *Mal-estar na civilização*, onde o amor e a violência se confrontam através das pulsões que celebram que celebram a vida – Eros – e a morte – Thanatos. No *Banquete* de Platão o amor (Eros) eleva-nos do mundo material para o das

Formas eternas da Beleza que reflete o Bem. O amor como entrega e doação de si a favor do próximo (Ágape) desenvolve-se no contexto do cristianismo, dando um novo alcance à dimensão amorosa. Optar pela pulsão da vida, do amor, da partilha, contra a da morte, do ódio, da guerra, é negar a via da violência. Onde Dadoun mais se aproxima da visão cristã é quando afirma o bem como o amor do próximo, e a violência como a recusa do outro. A igualdade de direitos, o reconhecimento e o respeito por todos os seres humanos é uma consagração da fraternidade, a ideia de todos sermos irmãos com igual dignidade, recusando a violência que é uma negação do outro. Assim, uma cultura da não-violência implica uma pedagogia do amor – proposta que me parece a mais relevante deste filósofo.

Qual é a estrutura do homo violens? Como é que ele se constitui individual e socialmente?

Havendo duas possibilidades na estrutura do ser humano, Eros e Thanatos, o homo violens significa aquele que segue a via da morte, da destruição, da negação da vida, do amor e da amizade. Há situações que podem conduzir à violência e favorecer a construção de uma

psicologia do indivíduo violento. Mas não somos apenas seres que reproduzem o seu meio, situação ou circunstância: mesmo face ao meio mais violento – como mostrou o psicólogo Boris Cyrulnik com o seu conceito de resiliência – podemos reagir e optar pela vida e pela paz.

De que maneira se pode pensar o espaço da violência, para além das dimensões morais e religiosas ?

Uma abordagem pluridisciplinar impõe-se para qualquer estudo rigoroso da problemática da violência, e todas as áreas das ciências sociais e humanas estão relacionadas – direta ou indiretamente – com a investigação sobre ela. Abordá-las todas, ainda que brevemente, seria incomportável no espaço de uma entrevista, visto que apenas uma delas ocuparia o espaço de um livro. Por isso, vou mencionar apenas a área das Relações Internacionais e dois autores que têm a vantagem da sua atualidade e de apresentarem visões opostas, permitindo o debate. O primeiro é Francis Fukuyama, cuja obra teve grande repercussão, por recorrer à argumentação filosófica e parecer adequar-se ao tempo em que foi escrita – o do fim da “guerra fria” que, com a implosão do mundo comunista no leste europeu, a queda da maioria dos regimes militares na América Latina e dos sistemas de partido único em África, substituídos por democracias liberais e pluralistas. Efetuando uma interpretação liberal da ideia de fim da história em Hegel e Kojève e situando-a no seu tempo, Fukuyama afirmava que esse final da História (o qual não significa que o tempo não continue a decorrer, mas apenas que não podemos superar o sis-



Se respondermos à violência com violência, poderemos entrar numa espiral em que a cada resposta sucede uma reacção ainda mais violenta.

tema democrático, somente aprofundá-lo), significa também o fim da violência e a concretização de uma paz perpétua como a prevista por Kant. Com efeito, não se conhecem guerras entre sistemas democráticos, que recorrem à diplomacia para resolver os seus diferendos internacionais, e ao debate parlamentar ou, em última instância, às eleições, para construir alternativas sem as impor pela violência. A emergência do fundamentalismo e do terrorismo que pretende implantá-lo, as crises económico-financeiras nacionais e globais – fenómenos que se seguiram a

esta fase de democratização pareceriam afastar-se da perspetiva de Fukuyama e aproximar-se do seu antagonista Samuel Huntington que vê a história a encaminhar-se para um Choque das Civilizações onde se confrontam os mundos ocidental hebraico-cristão, o oriental budista e hinduísta, e o islâmico, recorrendo tanto às ideias e crenças como, em correntes extremistas, à violência, para se tornarem hegemónicas. Se a confrontação referida por Huntington é real, parece-me que a saída não é a violência, mas o diálogo entre civilizações, e entre religiões. (Note-se que,

se Fukuyama dá um lugar central à filosofia, e Huntington às religiões, não o fazem enquanto filósofos, teólogos ou historiadores da religião, mas como pensadores das Relações Internacionais, pelo que me parece podem ser exemplos de uma reflexão distinta das limitadas às abordagens restritamente religiosas ou éticas.)

Que dimensões da vida são mediadas pela violência e que dimensões escapam desta mediação?

A violência é possível em todas as dimensões da vida pessoal ou social. Pode-se orientar a violência contra si mesmo – o caso limite é o

Entrevista



suicídio – e contra os outros. Tem vindo a ocorrer a violência de género, que culmina no feminicídio, a violência no namoro e no casamento, na escola - desde o bullying, que pode ser físico ou psicológico (ou ambos) até aos ataques armados de estudantes contra colegas, professores ou funcionários escolares, indiscriminadamente, havendo também o uso de ideologias e religiões como pretextos para a violência. Os movimentos de protesto, legítimos em democracia, caem por vezes na violência, ou são aproveitados por grupos que a promovem. Até obras de arte e livros são objeto de vandalismo, pelo que não há excepções às possibilidades de violência. Por isso, para que estas possibilidades não se tornem em realidades, é preciso contrariar a violência a todos os níveis, não só por

medidas securitárias, como educativas e sociais. As relações interpessoais devem ser mediadas pela comunicação e não pela violência.

Partindo do princípio que uma violência ocorre em reacção a outra violência, como superar esse círculo vicioso?

Se respondermos à violência com violência, poderemos entrar numa espiral em que a cada resposta sucede uma reacção ainda mais violenta. Figuras como o Mahatma Gandhi, na Índia (Mahatma significa Alma Grande) e Martin Luther King, nos Estados Unidos, prosseguiram os seus ideais – para Gandhi, a independência da Índia, e para Luther King, a luta contra o racismo e pelos direitos cívicos – sob o signo da não-violência. Muito para além da independência, Gandhi defendia a convivência pa-

cífica entre todas as religiões, fazendo questão de ler a Bíblia, os Vedas e o Alcorão nas suas intervenções. Ambos tombaram vítimas da violência que combatiam, ficando como símbolos da paz e da liberdade. A violência liga-se à destruição, à guerra, à hostilidade (ou até ao ódio) contra os outros, à supressão da pluralidade (de culturas, religiões, filosofias, convicções políticas, etc.). À violência opõe-se a paz, o amor, o reconhecimento dos outros, a criatividade humana que se exprime na arte, na ciência, na técnica, no pensamento. Nos Mandamentos, o imperativo Não matarás! indica o caminho da não-violência, enquanto a divisa de amar o próximo nos impede de usar a violência contra ele. Também o lema Kantiano que apela a não considerarmos o ser humano como um meio, mas sempre como um fim em si mesmo, juntamente com a promoção da sua dignidade incontornável, que encontramos nos valores do cristianismo e da sua tradução jurídica nos direitos humanos – proclamados há setenta anos, visam a construção de um mundo não-violento. Esses direitos não são algo realizado, nem uma aspiração utópica, mas um horizonte que nos aponta uma finalidade que, sem nunca se concretizar totalmente, se vai efetivando nos limites das circunstâncias históricas, sociais e culturais da vida.

Será a violência constitutiva da existência? Se sim, como suspendê-la e dar uma trégua aos próprios instintos?

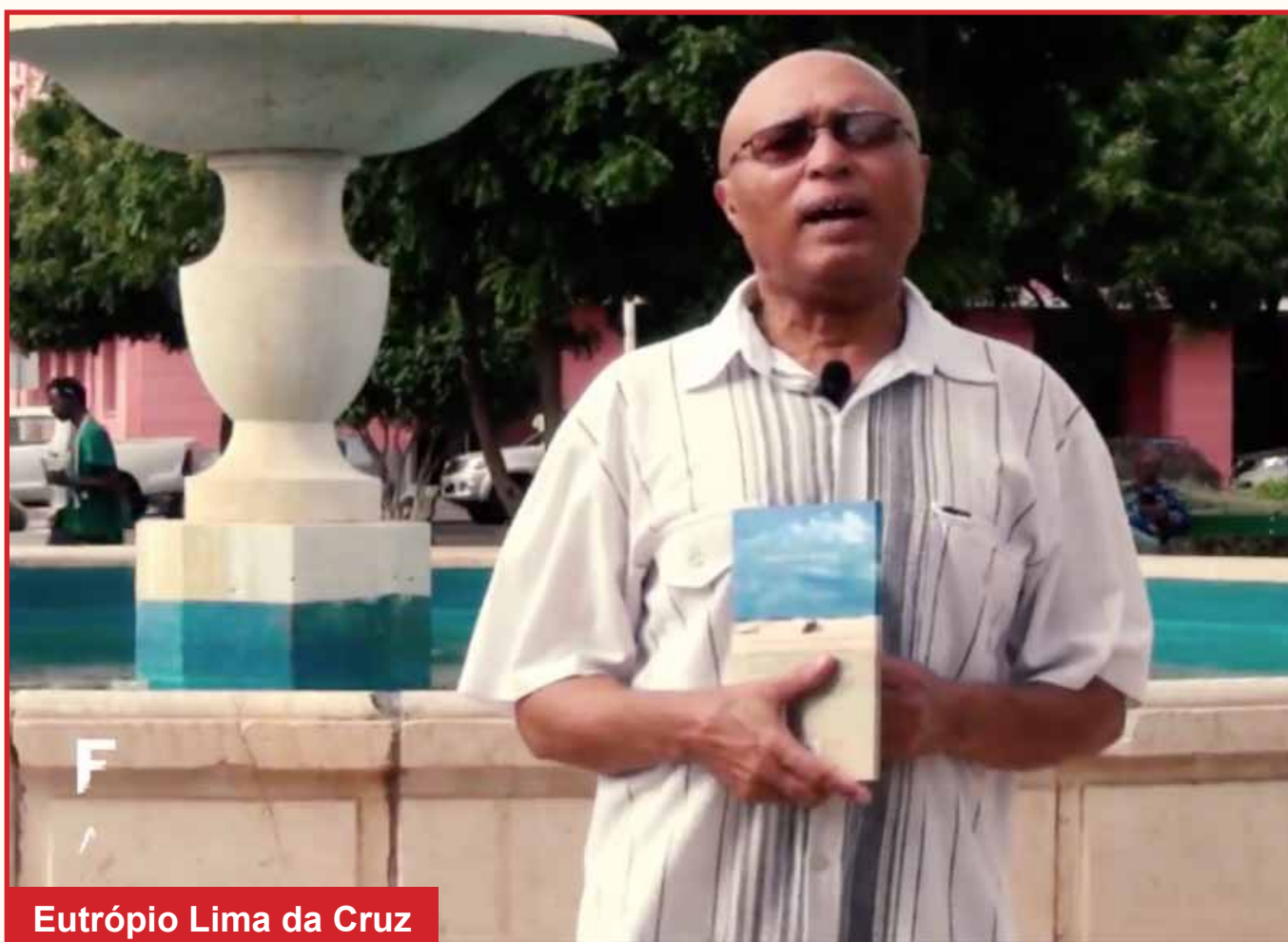
Darwin considera que a luta pela sobrevivência implica uma imposição dos mais fortes sobre os outros, tendo sido objeto de um aproveita-

mento ideológico anti-democrático. Freud considera que há no inconsciente pulsões agressivas e violentas, que são de algum modo controladas pelo super-ego moral e cultural, ou pela consciência ética. Outros pensadores, como Peter Singer, recusam que o ser humano se caracterize pela competição, nas formas pacíficas ou violentas, e afirmam que somos sobretudo seres cooperativos, com relações de empatia e não de hostilidade que mantêm os vínculos sociais. O cristianismo assenta no amor ao próximo. Precisamos de cultivar uma ética dos valores – liberdade, amizade, reconhecimento do outro, paz, amor, beleza, criação, deveres e direitos humanos – que se contraponha à violência.



A violência liga-se à destruição, à guerra, à hostilidade (ou até ao ódio) contra os outros, à supressão da pluralidade (de culturas, religiões, filosofias, convicções políticas...

Qualquer grau ou forma de exercício da violência não deixa de constituir patologia e degradação



Eutrópio Lima da Cruz

A violência consiste sempre em alguma disfunção. Esta é a forma como Eutrópio Lima da Cruz, teólogo e pastoralista, concebe a violência. Para o autor do romance ‘Degradações e Esperanças’, não se pode, contudo, considerar a violência como uma fatalidade “uma vez que o ser humano, tantas vezes prisioneiro e vítima da sua própria liberdade, é no fundo livre para opções diferenciadas”. Nesta entrevista ao Terra Nova Ideias, Cruz, olha com simpatia para os gestos do Papa Francisco porque são gestos que constroem a paz. Confere a entrevista na íntegra.

No que consiste a violência de nosso tempo?

No nosso tempo, penso que a violência consiste em disfunções de várias ordens: de ordem emotiva, psicológica, espiritual; daí que se torne fácil ela terminar assumindo várias formas expressivas, quais sejam por exemplo a violência social,

Entrevista

a violência política, a dita baseada no género, e outras mais formas.

Como conceber uma visão realista, mas sem ser fatalista, acerca da violência?

A violência constitui um dado, facilmente verificável pela observação bem como pela análise de factos, do que se passa à nossa volta por perto (desentendimentos entre pessoas, violência doméstica, violência entre grupos humanos, nas relações humanas a níveis mais alargados e universais, guerras, etc.); conceber uma visão realista sobre a violência, que é isso? Se se entender a questão como querendo incidir na luta contra a violência, acho que será preciso, antes de tudo e sempre, o exercício de identificar e apurar as causas profundas donde tem origem toda a espécie de violência; isso ajudará sem dúvida na luta; toda a violência afigura-se um mal, sobre que importará alcançar cura ou vitória; os indivíduos serão educados para a construção da paz; tal construção começa em cada um, antes de se socializar; já diz a UNESCO numa das suas declarações, que assuntos dessa natureza nascem nos espíritos, aí devendo encontrar-se parte significativa (não exclusiva) das soluções; se e onde houver indivíduos reconciliados consigo próprios, reúnem-se condições básicas para a paz familiar e daí a paz social, com alargamento progressivo do círculo, até à paz mundial, também e sobretudo política; a negação deste processo de paz leva inevitavelmente

a violências, à violência; qualquer grau ou forma de exercício da violência não deixa de constituir patologia e degradação. Claro, essas coisas não constituem fatalidade, uma vez que o ser humano, tantas vezes prisioneiro e vítima da sua própria liberdade, é no fundo livre para opções diferenciadas.

Que contribuição tem dado o Papa Francisco para a paz, sobretudo entre as religiões?

Inquestionavelmente que sim, tanto pelo seu discursos de abertura, gestão da diferença (isso ultrapassa toda a tolerância, porque a noção de tolerância traz consigo a ideia de que, sendo possível, aniquilar-se-ia a realidade meramente tolerada), como pelos seus gestos. Vejam-se por exemplo os gestos dele na Quinta-Feira Santa lavando pés de muçulmanos, entre tantos outros que lhe granjeiam tão notável estima até de indiferentes, gnósticos e ateus. As atitudes do Papa para com os Irmãos separados têm dado nas vistas. No plano internacional, as colaborações do Papa Francisco para a paz falam por si, pela oportunidade, pelo teor, pela força das mensagens e dos apelos dirigidos a intervenientes nas questões de ordenamentos deste mundo.

Há quem defenda que o monoteísmo é na sua essência violenta. Concorda?

Não tenho todos os parâmetros para compreender o feitiço nem o alcance de quem defenda uma tal posição. Todavia, dois PRISMAS: primeiramente, custa conciliar a realidade

monoteísta baseada num Deus amoroso que exige ser reconhecido como único, com qualquer defesa da violência, mesmo a que alguma crítica pudesse vislumbrar ou atribuir ao monoteísmo; outro prisma é a “violência” das exigências evangélicas trazidas por Cristo, que declara ter vindo trazer à Terra não a paz mas sim a espada.

Aqui as exegeses adorar-nos-iam na destrição de conceitos e entendimentos.

Que contributo o cristianismo, que tem Cristo na Cruz como símbolo máximo, pode dar para o combate à violência?

Conversão de cada um a critérios de renúncia da violência e construção da paz. Mensagem radical comparativa a Deus Pai, cuja imitação é proposta para se poder ser filho dele.

Os discursos e os exemplos de Cristo são bem interpeladores. Para tanto, a paz e o combate à violência começarão sempre em cada um individual e singularmente considerado.

Acha que as desigualdades sociais geram violência ou elas mesmas são a própria violência?

Não tenho dúvidas de que as desigualdades

sociais geram violência. Assistimos a isso em casos recentes de situações explosivas, tendo por causas, entre outras, as desigualdades sociais, os fossos crescentes na divisão e partilha de riquezas, essa situação existe em vários quadrantes do mundo; não esgotando a noção do que seja a violência, as desigualdades sociais não deixam de constituir, pelo contrário, constituem parte significativa do que seja a violência. Situações do género chocam por atentarem contra a dignidade e direitos básicos, sobretudo quando ostensivas e provocadoras. Constituem sem dúvida formas gravosas de violência.

De que forma avalia as estratégias do Estado no combate à violência?

Penso que os discursos traduzem estratégias de posições acertadas. Na prática todavia e em situações como as nossas, importará haver discursos menos politizados, devendo privilegiar-se soluções efetivas de terreno; entre outras medidas táticas, o reforço do policiamento nas ruas, até como dissuasão; contudo, a primeira das lutas será de ordem formativa, educativa, de consciencialização cívica.

Eutrópio Lima da Cruz, autor do romance “Degradações e Esperanças” (2017) é teólogo com especialização em teologia pastoral pela Universidade Lateranense de Roma. Natural da ilha de Boa Vista, já foi Director-geral da Animação Cultural, Director-geral dos Assuntos Culturais, Deputado da Nação, Presidente da Câmara da Boa Vista e Secretário-geral da Assembleia Nacional.



O cabo-verdiano, como ser humano, é tão violento como qualquer outro povo

Não há respostas simples para explicar as raízes da violência em Cabo Verde, entende o sociólogo Nardir Sousa. “Muitos diriam que Cabo Verde sempre foi violento por causa da escravatura, do colonialismo, etc., etc. Podemos até aceitar parte desta narrativa. Em todo o caso, para mim a violência tem a ver sobretudo com certos tipos de pensamentos”, afirma. O problema da violência, em grande parte, pode ser atribuída ao “fraco autoconhecimento sobre como o ser humano funciona em termos de consciência”. O fenómeno, no entanto, é muito amplo. Confere a entrevista.

Várias vezes aventa-se que o cabo-verdiano é naturalmente violento. Concorda?

Isto de se dizer que o cabo-verdiano é naturalmente violento transformou-se, e está a transformar-se, num mantra sem conteúdo que é repetido sempre que surge um caso violento, como um homicídio, por exemplo, ou agressões triviais ou banais, isto é, sem razão de ser, que só trazem mais raiva, medo, ódio, dúvidas sobre o ethos de um povo, do ser humano, e também uma sensação de incompreensão face a atos de tamanha crueldade, barbaridade.

O cabo-verdiano, como

ser humano, é tão violento como qualquer outro povo. Na minha pesquisa sobre a espiritualidade e valores do ser (humano) descobri, e compreendi, que todo o ser humano tem duas consciências: i) aquilo que chamamos de consciência do corpo, baseada em vícios como raiva, inveja, apego, arrogância e luxúria, o que os indianos chamam de Maya, força do mal, diabo encarnado, e que os cristãos chamam de comportamentos diabólicos baseados nos sete pecados mortais.

Quer dizer que quando o ser humano está nesta consciência do corpo, identificando-se com a sua

identidade, cor, sexo/gênero, região, bens, pertença, grupos, país, religião, etc., valores que paradoxalmente são materiais porque ligados a uma região, cultura, geografia, anatomia, etc., e que atribui uma identidade material, fugaz, terrena; e quando são postos em causa ou se sentem ameaçados por alguma razão, e se os pensamentos estiverem focados nestes valores conseguem fazer coisas inimagináveis, diabólicas, inexplicáveis.

Não é preciso sermos psicólogos ou neurocientistas para sabermos que a raiva, o apego, a inveja, a arrogância, a luxúria matam, fazem mal. É fácil compreender que um ser humano sem autoconhecimento, sem o conhecimento dessa consciência, e sem trabalhar os valores positivos que chamamos de consciência do ser podem constituir, a várias dimensões, um perigo para si mesmo, para os outros e para a própria sociedade.

A segunda consciência é a que se chama de consciência do ser que tem a ver com alguns valores magníficos, que nos torna divinos, à semelhança de Deus. É evidente que Deus é a fonte, é o oceano destes valores. Somos parecidos com ele nesta dimensão espiritual. Esses valores são: paz, amor, pureza, felicidade e conhecimento. Ao nos conectarmos com Deus, Alma suprema, seja qual o nome que queiramos dar a essa força/energia transcendental, através da oração, meditação, yoga, ou qualquer forma de contato espiritual, viajamos à fonte original e poderosa para nos fortalecermos.

Como sabe o pensamento constitui uma força pode-



A força do bem e do mal vai depender muito da forma como o nosso intelecto está, em termos de poder de controlo dos pensamentos

rosíssima. O ser humano está permanentemente entre essas duas consciências: a do corpo e a do ser. A força do bem e do mal vai depender muito da forma como o nosso intelecto está, em termos de poder de controlo dos pensamentos. Se estiver forte, algo que é conseguido através da meditação, oração, introspeção, baseado nos valores do ser, o ser humano torna-se equilibrado e positivo. Se estiver fraco, com base na consciência do corpo, ele/ela torna-se desequilibrado(a), frágil, e quiçá perigoso.

O ser humano tem mais ou menos quatro tipos de pensamento: inúteis, importantes, negativos (o pior) e positivos (o mais difícil e trabalhoso de se alcançar). Esta questão é trabalhada no meu mais recente livro, *Gangsta Yogi* (US Edições 2018), que trata exatamente da transformação de uma mente negativa, projetos de vida negativos, para um ser espiritual, altamente positivo.

O grande problema da violência tem a ver com o fraco autoconhecimento

sobre como o ser humano funciona em termos de consciência. É evidente que a vivência diária da violência (física, psicológica, sexual, corporal, fome, miséria, falta de valores, etc.), aliado a este total desconhecimento do ser, das suas potencialidades, e numa situação de desesperança, trivialidade, violência (no sentido micro, meso e macro), proporcionada também pelos media, diversão banal com base no alcoolismo, sexo pornográfico, drogas e comportamentos fúteis, aquilo que os fenomenólogos classificariam de realidade quotidiana dos indivíduos, ajudaria a compreender a produção e a reprodução da violência, e de outras cenas do quotidiano.

Hoje, vivemos como dizia Zygmunt Bauman (2010), um sociólogo já falecido, em sociedades líquidas, tudo se dissolve com facilidade, como água ao sol. Já não temos estruturas fortes. Vivemos em sociedades cabides, usamos o próprio ser humano para o nosso prazer, proveito. Usamos as pessoas como se fossem roupas em cabides. Vivemos um tipo de amor líquido.

Penso que o cabo-verdiano é um grande povo, lutador, humilde, hospitaleiro, de paz, respeitador. Lutou contra a fome, a miséria, foi embarcado para as plantações do Sul (Angola, S. Tomé e Príncipe, Moçambique), para os mares do Norte atrás da pesca da baleia (New England, etc), para os mares do Sul (Buenos Aires, Santos, Montevideo, etc), para a construção civil de Portugal, França, para os barcos holandeses, para a pesca da Galiza, etc., e sempre se portou com dignidade e honrou os seus compromissos.

Porém, temo reconhecer que algo mudou, algo se perdeu. E o cabo-verdiano hoje está mais desconfiado, com mais vícios e menos co-operante. Mas, ainda assim a semente é boa e pode dar ainda bons frutos, se for bem cuidado, obviamente.

Quais são, na sua opinião, as raízes da violência em Cabo Verde?

Uma pergunta complexa e de difícil resposta. Na minha opinião, o tipo de política que implementámos a partir de 1975, e sobretudo a partir de 1991, veio agudizar os apetites mais feios e recalcados dos cabo-verdianos, despertando-os para os interesses de grupos, a falsidade, a corrupção, o enriquecimento fácil, apropriação de bens públicos, venda e apropriação de terrenos e bens públicos, e mais tarde, já em plena globalização pairou, permanecendo, no ar o perigo do tráfico de droga, etc., etc. Criámos uma sociedade de conflito permanente, onde a violência se tornou

Nardi Sousa é sociólogo, Doutor em Ciências Sociais e professor universitário e pesquisa temas relacionados com a África e a Diáspora Negra, Migrações, Juventude, Cidadania Local, Cultura, Yoga e Espiritualidade.

É também autor do livro "Imigração e Cidadania Local: Associativismo Imigrante e Políticas Públicas de Portugal (2003)" e "Simão de Barros: Uma leitura Metafísica do Diário de Santelmo (1909-1947)"

manifesta, deixando de ser somente latente... e não vemos forma de sair dela.

Com as agravantes da pobreza, do estilo de vida burguês, do desemprego, da falta de alternativas, do desemprego juvenil, e não só, o consumo de álcool e drogas, a falta de justiça, a corrupção virem complicar ainda mais um cenário, já per se, fragilizado.

Muitos diriam que Cabo Verde sempre foi violento por causa da escravatura, do colonialismo, etc., etc. Podemos até aceitar parte desta narrativa. Em todo o caso, para mim a violência tem a ver sobretudo com certos tipos de pensamentos, com certos fatores expostos acima.

Estranho ouvir afirmações de, inclusive intelectuais, políticos, etc., que reproduzem este mantra de que somos violentos por causa da escravatura. A violência transcende este período fatídico da nossa história. É verdade que a escravatura, o colonialismo, a brutalização do homem negro, a violência física, sexual e psicológica que sofreu não têm comparação nos anais da história moderna. Como dizia Aimé Césaire (1975) a Europa não tem direito à defesa, ao tribunal da história. Ela será eternamente condenada pelo subdesenvolvimento e atraso a que vetou a África, como diria Walter Rodney (1970).

Observamos ainda que muita gente que pensa numa lógica binária Nós-Eles, Norte-Sul, Desenvolvido/Subdesenvolvido, veem Cabo Verde, África, ou melhor os cabo-verdianos, africanos como violentos. E nessa revisitação histórica, os ex-colonialistas quase que são absolvidos da grossa e titã-

nica violência exercida sobre o continente, e inclusive dão lição de moral, de direitos humanos, quando são divulgadas estatísticas e casos de violência em Cabo Verde. O debate e a discussão precisam ser feitos de um outro prisma, de uma outra perspectiva.

Como compreender o signo da violência na sociedade contemporânea? Que dimensões – subtis e grotescas – estão em jogo?

Gostaria de responder a esta questão, trazendo para a discussão o livro *Microfísica do Poder* (2015), de Michel Foucault, um sociólogo francês, já falecido, que trata do relacionamento entre “Soberania, Disciplina” e “Governamentalidade”, e avalia a teoria do pensamento jurídico que na idade média girava em torno do poder do rei e o direito como um instrumento da dominação do rei sobre os súbditos.

Segundo Foucault, o poder está em todo lugar e baseia-se em saberes e discursos, cujas funções legitimam os direitos da soberania e a obrigação de obediência. Podemos cogitar, com Foucault, que o Estado totalitário usa as leis (o direito) como instrumento de dominação, não numa perspectiva filosófica, mas nos níveis elementares da sociedade, como instituições locais e regionais (as instituições totais), e como os corpos, dos súbditos, sofriam o efeito do poder, na idade média.

Na perspectiva deste autor, o poder não é homogêneo e não pode ser apropriado como um bem. Ele funciona em rede, não se aplica aos indivíduos, passa por eles, pois encontra-se no meio dos saberes. O poder é constituído por um conjunto de técnicas que se foram refinando como uma ciência de modo a alcançar os objetivos do poder que é a domi-

nação.

Para Foucault, é preciso dominar a arte de governar. Neste diálogo com o autor, podemos refletir sobre aquilo que designamos de violência do Estado contra os cidadãos. Indivíduos que capturam o Estado para promover os seus interesses de grupos e pessoais, adiando a cidadania das massas, enviando para as calendas gregas os direitos sociais, culturais e económicos. Poderíamos até dizer, nesta perspectiva, que os indivíduos pensam que governam bem o Estado, porque sabem governar-se a si próprios, suas famílias, os seus bens e as suas propriedades.

Esta violência do Estado contra os indivíduos verifica-se no controlo no, e sobre, o quotidiano dos indivíduos, os seus costumes, hábitos e maneira de pensar. E não mais somente no controlo de território como propôs Maquiavel em *O Príncipe*. Já no





século XVIII surge um novo mecanismo de poder, que se opõe ao da teoria da soberania. Esse novo mecanismo de poder extrai dos indivíduos tempo e trabalho, e não mais bens e riquezas. Este poder agora tem a ver com a arte de governar, ou seja, com o controle das ações dos indivíduos.

As instituições, como escola, família, fábrica, etc. passam a controlar a sociedade, através da vigilância hierárquica (nas escolas, por exemplo, onde os professores vigiam os alunos), numa sanção normalizadora e através dos exames, onde a todo o momento estamos a ser sendo examinados (nas fábricas quem está bem e quem está mal; nas escolas através de aplicações de provas).

O poder está em todo lugar e não se concentra somente no Estado, este constitui mais uma instituição e segue o caminho da socie-

dade geral. O poder está em todo lugar e baseia-se em saberes e discursos. Esses discursos mudam a cada época e todos nós estamos envolvidos nesses sistemas de discursos. Para Foucault, esses discursos definem procedimentos de exclusão, pois determinam quem pode e quem não pode falar sobre determinado assunto e o que pode e o que não pode ser falado.

O poder quer um indivíduo dócil, que viva de acordo com as regras, um indivíduo controlado. O indivíduo é controlado na escola, fábrica, família, etc. que indicam a todo o instante como devemos agir e nos comportar.

No diálogo com Foucault reparamos que há sempre multiplicidade de discursos e que a coesão social é difícil de ser alcançada, dado que haverá sempre conflitos de ideias, de poderes e hierarquias.

No caso da democracia,

nota-se a violência do Estado contra o cidadão, quando este viola, na minha opinião, alguns princípios constitucionais básicos: i) o da legalidade; ii) o da igualdade; iii) o da justiça social; o do pluralismo de ideias e o da iii) da separação de poderes.

Há riscos de a violência, sobretudo a urbana, tornar-se num dado “normal” das relações sociais?

Quanto à questão da violência urbana, podemos ver que houve um momento em que os media tendiam a passar uma imagem estigmatizada dos jovens dos bairros periféricos (ghetto, gangues, droga e marginalização) que os ‘moldam’ como responsáveis pelos males sociais (insegurança, violência).

É uma visão redutora da realidade que acaba por corresponder a vida e trajetórias de vida dos jovens a patologias, transformando-os em ‘bodes expiatórios’ e culpados pela situação de

miséria e oportunidades mal aproveitadas. Como dizia Raposo (2007:7-8), essa visão não enxerga a complexidade e heterogeneidade da realidade juvenil assim como da riqueza de estilos, de sociabilidades e das manifestações culturais que os jovens criam entre si.

Eu sempre rejeitei o termo thug, um termo inapropriado e que nunca representou a realidade socioeconómica dos jovens cabo-verdianos, mormente os das periferias. É uma categoria social que não serve para analisar e caracterizar esta situação. Considero que os jovens vivem males sociais gravíssimos que precisam de respostas integradas. Mas isto é outra história.

Por que é que a violência é algo que divide as pessoas? Como é que essa dinâmica reforça os processos de desigualdade?

As respostas que vêm a

seguir podem facilmente responder esta questão. Considero que algumas questões estão associadas, ou pelo menos, algumas respostas servem para dar pistas a algumas questões colocadas.

O que explica o fenómeno de aumento do grau de violência, crimes passionais e assassinatos bárbaros cada vez mais recorrentes?

Da mesma forma, respondendo esta questão com excertos de um posfácio que escrevi para o livro de uma amiga, Miriam Medina, intitulado *Se Causa Dor Não é Amor*, que constitui uma ferramenta de autoanálise individual e coletiva de uma sociedade que começa a ser estranha para si mesma, que não se reconhece mais, e que assumidamente parece ter ficado hedonista ou optou-se por um hedonismo agressivo, procurando o prazer a todo o custo, mesmo que isso provoque dor nas mulheres, nas crianças, nos cidadãos e inclusive nos agressores (auto-sofrimento).

As histórias narradas pela autora Miriam Medina, e que reflito sobre elas, constituem um excelente contributo para a psicologia e sociologia da violência, na medida em que revelam um mal-estar individual, vivido no privado, que vai deixando marcas não só nas vítimas, e também nos agressores, mas em todos os poros sociais, o que acaba por prejudicar as relações interpessoais, com insights violentos de traumas, medo, desconfiança, desesperança, dúvidas, falta de auto-estima, corpos marcados, mentes fragilizadas, etc.

São sinais preocupantes de uma sociedade jovem que começa a ter vivências estranhas. Não é que a violência

não faça parte de Cabo Verde. Ela esteve sempre presente. Porém, parece que vem ganhando tiques de alguma manipulação hollywoodiana, de alguma trivialidade das telenovelas brasileiras ou das ficções que retratam alguma vivência ilusória dos guetos norte-americanos.

Este mimetismo, através da importação de valores, imagens e estilos de vida começa a ter efeitos gravíssimos na nossa população, sobretudo a juvenil, que até foi educada com base em valores humanos, sociais, diria até religiosos, dos seus pais. Hoje, tornou-se moda importar vícios como o consumo de droga, cultura de festas, orgias, pornografia, armas, etc. As pessoas tornaram-se mais corruptas, menos solidárias, a pedofilia e o abuso sexual das crianças e adolescentes ganharam espaço preocupante na nossa sociedade. Os homicídios e agressões tornaram-se pratos do dia.

O que leva um jovem cabo-verdiano, masculino, a cometer atrocidades psicológicas, físicas e emocionais às namoradas?

Jovens que, pela época que vivem, pela trajetória familiar, mesmo que vivam numa sociedade machista, têm tudo para fazer diferente, para ser diferente. Nota-se que muitos jovens (con)viveram com imagens de pais agressivos, sendo que estes, por norma, tinham mais de duas mulheres. Pais que praticavam violência psicológica e física nas suas mulheres. Muitos destes jovens, inclusive juraram não tratar as suas namoradas como os pais trataram as suas mães.

A questão da violência no namoro faz-nos refletir profundamente sobre o que é ser humano. Faz-nos mergu-



A população já pressentiu, já analisou, já observou que, com este sistema bipartidário, uma elite domina os recursos, faz e desfaz, não presta contas, não há transparência.

lhar na insegurança pessoal, no medo, na dor, na possessividade, nos desequilíbrios, no controlo e insegurança masculina, que depois se torna também feminina.

Perguntamos, em diálogo com Krishnamurti (1970), o que querem as pessoas? O que querem os jovens? Do que andamos à procura?

Normalmente, procuramos felicidade, paz, um refúgio nas relações. Muitos, neste caso, procuram 'fugir' da violência, insegurança caseira e pessoal, e sonham encontrar amor, compreensão, carinho nos braços do 'outro'. A ironia disso é que muitas caem num ciclo de violência pior do que viviam em casa.

As moças/mulheres que procuravam felicidade fora de si tiveram de lidar com rapazes que procuravam gratificação. Gratificação de todo o tipo: sexual, companhia, controlo sobre outro. Umas

procuravam 'felicidade' fora de si e outros procuravam prazer (sexo, agressões, manipulações, etc.). Nessa procura, de uma felicidade externa, muitas caíram na ilusão de serem 'salvas' por outros. Em vez de felicidade muitas encontraram o inferno, novas prisões.

O interessante é que ao procurarmos o prazer, a segurança, o afecto nos outros, caímos numa grande ilusão, dado que, para além de não estarmos preparados para certos relacionamentos, nem nos damos ao trabalho de autoconhecimento, da descoberta, do afeto pessoal, porque a última coisa que queremos é conhecermos-nos a nós mesmos.

Não se pode amar, dar carinho, atenção, tranquilidade se não explorarmos ou fizermos desabrochar estes sentimentos dentro de nós. Se somos ciumentos, agressivos, instáveis, o mundo à nossa volta torna-se exatamente assim e os estilhaços acabam por atingir todos à nossa volta. Sem autoconhecimento, sem este trabalho de contemplar os valores positivos e negativos que existem em nós, sem estarmos alerta, os nossos relacionamentos pregam-nos partidas, muitas vezes violentas.

Ao refletir sobre a violência no namoro notamos que estas mulheres (sofredoras), só conseguem mudar quando estão no chão, quando a sua dignidade é vilipendiada, quando sentem nojo de si próprias. Aí, chegam à conclusão de que a transformação não pode ser no futuro. Tem que ser agora. No momento da pancadaria, do sofrimento. Começam a ver o falso como falso. O falso nunca pode ser verdadeiro. Pancadaria, humilhação, violação sexual, violência psico-



lógica e medo nunca podem ser sinónimos de amor.

Quanto aos rapazes, notamos que precisam de redescobrir o amor que existe internamente. Precisam largar urgentemente o ethos machista, o hedonismo, aquilo que muitos na Índia chamaram de amigos do maya (raiva, apego, luxúria, arrogância e inveja). Ninguém é dono de ninguém, ninguém pode maltratar com prazer o seu semelhante.

Os rapazes estão a fazer-se vítimas de ilusão, da agressividade, da trivialidade, da pornografia, do mimetismo. Vidas vazias que esvaziam as das outras. Desejar somente o corpo da mulher, do outro, não é amor. A paixão carnal, o sexo pornográfico distancia as pessoas uma das outras. O amor, o toque, o afeto, o carinho, o preocupar-se, o tratar bem, aproxima as pessoas.

Notamos que a sociedade tende a estar enferma no

que concerne ao relacionamento. Isto é tudo, menos amar. A mente está doente, os pensamentos estão imbuídos de negatividades, maldades. Assim como está, não dá!

O autoconhecimento, o amor-próprio, o respeito e auto-respeito, a dedicação ao outro, o amor, a espiritualidade são o caminho. Não há outra forma. Para aqui, serão chamados a própria pessoa (o ser), auto-transformado, a família, os amigos, as instituições, a escola, as igrejas que num pacto amoroso terão muito que contribuir para novos tipos de relacionamentos.

A energia que gastamos para fazer o mal é a mesma que gastamos para fazer o bem. Basta mudarmos os pensamentos negativos para pensamentos positivos (amor, paz, pureza, felicidade, conhecimento) para que tudo mude. O grande desafio é que esta mudança exige

muito da pessoa o autocohecimento, a disciplina, a prática do amor, a contemplação, a introspeção, o silêncio, o riso, o cuidado, o afeto, etc.

Poderíamos até dizer que todos são vítimas de um sistema (familiar, político, social, educativo, cultural) que em vez de libertar os indivíduos, ajudá-los na emancipação, aprisiona-os ainda mais em falsas ideologias, que nos acorrentam e nos afastam de nós mesmos, do nosso ser, do nosso íntimo.

Ainda referindo à questão da violência no namoro, não se entende porque é que essas moças/meninas, como se pode apreender pelos relatos, com tanto sofrimento, humilhação, agressão, desprezo, não denunciam os seus agressores! De facto parece que todos somos vítimas: eles, vítimas do ethos machista, do medo, do apego, do sexo dominador e agressivo, da pornografia, da

pobreza intelectual/espiritual; elas, vítimas de normas sociais, do papel da mulher que sofre, do contentar-se com pouco, do medo, da falta de liberdade, da falta de meios (económicos) de emancipação. De facto, só o amor liberta, já diziam Hermes, Bhuda e Cristo.

Como resolver o impasse entre os conceitos de “lei e ordem” e “direitos humanos”? Porque é que, em Cabo Verde, essas concepções, que são complementares, se tornaram antagónicas?

Em julho de 2018 dei uma entrevista à Agência Lusa que saiu nos media digitais em Cabo Verde e Portugal (jornal “Observador”), com um título meio bombástico “Sociólogo alerta para risco de manifestações violentas em Cabo Verde”. Nessa entrevista tinha enfatizado que as reivindicações em Cabo Verde podem descambar em “manifestações violentas” no

futuro, caso as populações não vejam as suas reivindicações atendidas.

Temos de ver que a cultura do cabo-verdiano é pacífica, mas o desespero, a miséria, as dificuldades da vida, os riscos com a saúde, alcoolismo, consumo de drogas e a própria desesperança que se vai criando, pode levar os cabo-verdianos a terem uma atitude mais pró-activa, mais reivindicativa, que pode descambar em manifestações violentas. E isso só se evita com diálogo entre governantes e sociedade civil, para repor a esperança das pessoas e responder ao seu descontentamento.

Lembro-me de ter dito que apesar de não ter muitas benesses, no período colonial, no pós-independência e após o pluripartidarismo, o cabo-verdiano sempre foi um povo atento. Salientei que há hoje um Estado mais regulador, que continua a decidir sem muita participação e consulta da população. Que o Estado continua a violar princípios básicos, como o da igualdade, discrimina pessoas, não aplica critérios de concurso público, não há justiça social e falha nas políticas para áreas como saúde, transportes, educação, segurança e emprego. Que a população já despertou e considera que temos várias velocidades em Cabo Verde. Temos populações e regiões que não têm nada e onde não há forma de ter se não tomarem uma atitude de exigir e começar a controlar os negócios do Estado.

É preciso criar uma maior sintonia entre os governantes e a população. A elite governativa está completamente desfocada da realidade e sem muito contato com a população.



A população já pressentiu, já analisou, já observou que, com este sistema bipartidário, uma elite domina os recursos, faz e desfaz, não presta contas, não há transparência.

A população já pressentiu, já analisou, já observou que, com este sistema bipartidário, uma elite domina os recursos, faz e desfaz, não presta contas, não há transparência. Apesar de Cabo Verde receber elogios internacionais, a população está descontente e os governantes estão contentes. É uma realidade que já vinha governação anterior.

O país precisa de promover setores que possam revolucionar a economia e aumentar a produtividade, bem como gerir e governar com inteligência e em diálogo. Falta um diálogo social, o que a OIT (Organização Internacional do Trabalho) chama de tripartismo, em que os parceiros sociais decidem de forma inteligente e com benefícios para o país, não somente para o patronato, os sindicatos ou o Governo.

É interessante notar, como frisei nessa entrevista, que em Cabo Verde os únicos que estão satisfeitos com a democracia são os governantes, o que é estranho porque nem chegam a 0,5% da população. Dizia também que é preciso um ativismo diário e que pessoas com visão e com responsabilidade tenham acesso à governação. Que a sociedade civil, os governantes devem debater e discutir o que querem para Cabo Verde, o que podem dar a este país e tentar repor a esperança na população. É algo que está a se perder e isso é muito grave.

Nota-se que em Cabo Verde há um conflito visível entre governantes e populações, e os movimentos sociais surgem quando há um conflito, os grupos que estão em confrontação têm de dialogar, utilizar estratégias, objetivos para resolver esses conflitos.

No que diz respeito aos planos de segurança pública de âmbito nacional, após a Independência, que distinções podem ser traçadas entre os governos do MPD e os do PAI-CV?

Para responder a esta questão gostaria de trazer um quadro que elaborei em 2013, e ao qual que acrescentei agora os dados de 2015 até 2017, e que revela bem as políticas relativas à segurança postas em prática desde a independência. Este quadro foi retirado dum artigo meu “A Outra face do Janus Cabo-verdiano: Uma Análise Crítica Violência Juvenil em Cabo Verde” que saiu em 2013 na Revista Cabo-verdiana de Ciências Sociais da Universidade de Santiago.

(Ver quadro)

Podemos ver que o país, com todo este aparato, parece não dispor ainda de um verdadeiro sistema de segurança. Observa-se que há mais tecnologias e força, como diria Foucault em “Vigiar e Punir” (1999:5) «O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos».

Há necessidade de se investir mais nas comunidades, trabalhando a prevenção e despertar as comunidades para serem vigilantes e cooperativos.

A permanente crispação entre a classe política e a fragilidade das instituições políticas agravam o problema da violência?

Já em outubro de 2016 tinha dado uma entrevista à Agência Lusa, abordando a realidade socioeconómica e política do país. O artigo saiu com um título “Cabo Verde está a viver uma Profunda Crise Social”. Nessa entrevista considerei que o país está a viver uma “profunda crise social” e que todos os atores estão a falhar para combater fenómenos como a criminalidade, sobretudo nos grandes centros urbanos.

Lembro-me de ter dito que antes de ver a questão de criminalidade ou delinquência juvenil, temos de ver que tipo de sociedade estamos a criar em Cabo Verde. E que atualmente, tendo a falar menos de violência e mais em crise social. Cabo Verde está a viver uma profunda crise social em que todos somos responsáveis.

Na altura, o relatório anual do Ministério Público sobre o estado da justiça, entre 1 de agosto de 2015 e 31 de julho de 2016, mostrava que foram registados 120 homicídios no

país, e a criminalidade aumentara 6,7%. Registaram-se no mesmo período 504 crimes sexuais e mais de 13 mil crimes contra o património, sobretudo na cidade da Praia, onde nas semanas seguintes a comunicação social tinha dado conta de várias mortes violentas.

Nessa entrevista enfatizava que os delinquentes e criminosos são produtos da sociedade e que a mesma energia que têm para criar coisas negativas pode ser utilizada para criar coisas positivas, transformando as “mentes potencialmente criminosas” em “mentes saudáveis e pacíficas”. Que não só os jovens cometiam delitos, que os políticos e gestores públicos também, e deveriam dar o exemplo; e que o Governo deveria investir em

políticas sociais nos bairros, dado que se um gestor público desvio milhares de contos que poderiam ser usados para reforçar o trabalho social nos bairros, apoiar associações que já deram provas de fazer coisas positivas nos seus próprios bairros, também são delinquentes e criminosos. Se eu sou um corrupto e desvio esta verba, por exemplo, dos bairros, eu não estou a praticar indiretamente violência?

Os jovens estão a viver um “mal-estar social”, em que têm acesso a armas, drogas e têm um ethos guerreiro e machismo exacerbado que os leva a entrar em grupos para praticar violência. Neste sentido, é preciso ver que tipo de políticas públicas têm sido tomadas para enfrentar esta

questão. É evidente que a criminalidade não pode ser justificada somente com a pobreza, mas sim com a “crise de valores” no arquitépico cabo-verdiano.

Tinha dito que os jovens não podem cair na lógica de ter somente o prazer e não devolver à sociedade nada daquilo que recebem. Costumo sempre dizer que temos um modelo de sociedade de vida boa e não uma sociedade boa e que temos falta de investimentos em zonas urbanas densamente povoadas e com necessidades. Que já não há exemplos “de cima para baixo”, muitos pais já não têm controlo sobre os seus filhos e a comunidade também não é educativa, capaz de criar programas e valores para transformar os jovens.

Que o Estado tem de acabar com a injustiça social e criar políticas públicas para evitar problemas de delinquência, mantendo os jovens a estudar, apoiar as associações e instituições que têm projetos saudáveis nos bairros, envolver universidades, para resolver esses problemas. Que deveria haver mais protagonismo e intervenção de outras instituições como escolas, igrejas e empresas. E que não podemos deixar que a polícia eduque o filho de cada um. Que é preciso rever o papel de todos os atores sociais, canalizar financiamento para zonas com problemas sociais e desarmar os jovens, e instruir a comunidade a colaborar com a polícia e trabalhar a prevenção.

Quadro 1. Evolução do conceito e práticas de segurança interna em Cabo Verde

Ano	Iniciativa
Início anos de 1980	Coexistência da POP (Polícia de Ordem Pública) e Segurança do Estado (Proteção dos dirigentes), a Direcção Nacional de Segurança e Ordem Pública (DNSOP) que dependia do Ministério da Defesa e Segurança Nacional.
Pós-Independência	A Guarda Fiscal foi integrada no Ministério das Finanças e a PMar (Polícia Marítima) no Ministério de Agricultura e Pescas
1981	Após o golpe de Estado na Guiné-Bissau, surge o Ministério do Interior, departamento governamental que passou a controlar a POP e a Segurança do Estado, denominando-se Forças de Segurança e Ordem Pública (FSOP).
Meados anos 1980	Passou a Ministério das Forças Armadas e Segurança. Em 1991 passou a ser Ministério da Administração Interna (regime democrático multipartidário).
Segunda República	A POP foi tutelada pela Secretaria do Estado, e foi criado o Sistema de Informações da República (Lei nº 70/VI/05).
1993	Foi criada a Polícia Judiciária (PJ), dependente do Ministério da Justiça.
1996	O Decreto-Lei nº15/96, de 20 de Maio, cria o Conselho Nacional de Segurança (CONSEG), órgão consultivo de coordenação e articulação na organização do sistema nacional de segurança.
2005	Cria-se a Polícia Nacional (PN) ¹ , o Serviço Nacional de Protecção Civil e a Direcção-Geral dos Transportes rodoviários, sob a dependência do MAI.
27 Junho 2005	Aprovada a Lei nº70/VI/2005 que cria o Sistema de Informações da República (não confundir com Serviços de Informação da República –SIR).
2008	Criação do BIC (Brigada de Investigação Criminal) e o BAC (Brigada Anti-Crime), no sentido de combater os grupos considerados <i>thugs</i> .
2012	Criação de um Corpo Especial da Polícia (em motorizada) com apoio de Angola.
2013	Programa de Segurança Solidária (PSP) que visava o reforço do Policiamento de Proximidade
2017	Programa de Segurança Interna e Cidadania – PNSIC – (Visando garantir mais segurança , Emprego e rendimento, ação social, família, cidadania , saneamento básico).
2018	Videovigilância (Projeto Cidade Segura)

O Deus da violência não existe*

Teólogo e biblista, Frei Fernando Ventura foi professor de Ciências Religiosas no ISCR em Aveiro. É intérprete na Comissão Teológica Internacional da Santa Sé. Colabora, como tradutor, com diversos organismos internacionais. Pertence ao quadro de redatores da revista Bíblica, onde assina artigos de aprofundamento teológico. Autor do primeiro estudo sobre Maria no Islamismo, lançou o livro Roteiro de Leitura da Bíblia. Ministra cursos e retiros, percorre o mundo, de convite em convite ou de conferência em conferência, como tradutor. É assíduo comentador de atualidade social e religiosa em diversos canais de comunicação social em Portugal.

Como é possível? Esta é a pergunta recorrente que qualquer pessoa de bem e de bom senso faz, sempre que as notícias chegam carregadas de sangue, injustiça, revolta, ódio... e sustentadas em supostas crenças religiosas. Frei Fernando Ventura é franciscano capuchinho. Foi a ele que recorremos para tentar entender o que nos parece inexplicável – como é possível alguém matar em nome de Deus?

O Prof. Agostinho da Silva dizia “eu não tenho religião, há uma religião que me tem a mim”. A pior coisa que pode acontecer a alguém é ter uma religião. Seja uma religião religiosa, seja uma religião política, seja uma religião futebolística, seja tudo aquilo que faz de mim o centro do mundo e não me permite passar para além de mim, em relação ao outro. Eu só sou capaz de encontrar Deus se for capaz de me desinquietar a mim. Eu digo sempre que há um momento zero de toda a revelação da Bíblia – quando Moisés ouve uma voz que o chama e ao mesmo tempo lhe diz que tire as sandálias porque o espaço que pisa é sagrado. É a grande declaração formal da sacralidade do espaço do outro, da sacralidade do espaço de Deus e da sacralidade do

meu espaço. É este o desafio. E é aqui que falham as pessoas que são gente da religião, mas não são gente de fé. São pessoas incapazes de perceber que a construção do “nós” se faz com a interseção dos dois “eu”.

O que me está a dizer é que devemos separar, de uma forma muito objetiva, a religião da fé.

Sim. E quantas vezes são as religiões que incomodam a fé, vemos pessoas obrigadas a determinado tipo de comportamento, em nome de Deus, deixando de lado o outro. Dou sempre o exemplo do samaritano – está um homem caído na estrada a precisar de ajuda, passa o sacerdote, passa um levita e quem pára é o samaritano. Mas o sacerdote e o levita não param por serem maus, eles não param porque têm uma religião. Porque se eles tivessem tocado no cadáver ou no sangue ficavam impuros para entrar no templo. A religião tribalizada, o fanatismo religioso é isto, é quando eu sou o centro de mim próprio.

E é o fanatismo que leva ao extremismo...

Por isso é que todas as religiões têm as mãos manchadas de sangue. E a culpa não é das religiões, a culpa é de gente que não sabe ser gente com outra gente. Tenho dito tanto isto

em tantos sítios... a nossa missão, independentemente da opção futebolística, sexual, clubística, gastronómica, política, seja o que for..., enquanto seres humanos a única missão que nos toca é ser gente com gente, para que cada vez mais gente seja gente e nunca ninguém deixe de ser pessoa. Na eternidade não há religiões. Deus não tem religião.

Porque Deus será o mesmo para todas as religiões, não é?

É o Deus que acima de tudo tem uma relação pessoal com cada um de nós. O drama é quando as religiões entendidas como articulações de comportamentos e normas de relações interpessoais não são momentos nem espaços de celebração da fé, mas são momentos de celebração da minha tribo. Isto acontece no futebol, acontece na política, acontece na vida social – a tribalização do eu. Nós vivemos numa sociedade, como eu costumo dizer, solteira de afetos, viúva de emoções e divorciada de compromissos. De relações fluídas, de utilidade... O que está em crise hoje em dia não é a fé. O que está em crise é a vida.

As relações entre as pessoas...

Entre os estados, entre os países. Temos muitos

conflitos no mundo que não são mais do que conflitos políticos, geopolíticos e económicos mascarados de religião.

Quando se fala desta temática – religião – usa-se muito um conceito que, eu sei, o Frei Fernando Ventura não gosta mesmo nada, que é a Tolerância.

Tenho uma raiva danada à tolerância...

Porque isto de tolerar alguém pode querer dizer que estamos a menosprezá-lo, não é?

Completamente! Eu posso tolerar uma dor de cabeça, uma dor de dentes enfim, mas eu não tenho que tolerar ninguém. Eu não tenho o direito de dizer a ninguém “eu tolero-te”. Nós só temos o direito de olhar alguém de cima para baixo quando for para o ajudar a levantar-se. E há um outro mito que é preciso desconstruir – nós estamos todos convencidos, e ensinamos isso aos nossos filhos, nas escolas, nas catequeses..., que a minha liberdade termina quando começa a liberdade do outro – isto é uma estupidez.

É?

É, porque se o outro é o limite da minha liberdade eu tenho que o matar para ser livre. Os conflitos estão aqui também. Quando percebermos que na relação eu/tu a minha liberdade aumenta, na medida em que encontra

a tua liberdade. Se eu for capaz de abrir o meu metro quadrado ao metro quadrado do outro, nós ficamos com dois metros quadrados. A minha liberdade alargou. O outro não é o limite.

Mas quando se diz a minha liberdade termina quando começa a do outro é sinal de respeito pelo outro, pelo metro quadrado do outro...

Oxalá fosse. Os nossos amigos muçulmanos diriam Insha'Allah. (risos)

A propósito de dizer “nossos amigos muçulmanos”... eu sei que o Frei Fernando Ventura convive muito bem com outras religiões. O que poderemos fazer para haver cada vez mais pessoas assim... a olhar para os outros como iguais e respeitá-los na sua diferença?

É perceber que o meu

irmão judeu precisa que eu seja um bom cristão para ele ser um bom judeu. O meu irmão muçulmano precisa que seja um bom cristão para ele ser um bom muçulmano... e por adiante. A diferença do outro é aquilo que me completa. Se não eu morro sozinho.

A religião hoje em dia é geradora de enormíssimas fortunas.

São autênticos impérios.

E isso, desde tempos imemoriais tem provocado guerra.

E, desculpem a vulgaridade, sempre que o poder político e o poder religioso foram para a cama juntos, nasceram monstros. E o mundo de hoje continua com monstros destes. Com casamentos de conveniência. Por trás da geopolítica está sempre o calendário das guerras atuais e das guerras futuras,

se quiser perceber onde vão acontecer os próximos conflitos tem que ver onde está o gás, o petróleo... ali vai ser montado um conflito. Ali vai ser montada uma guerra. Que vai ser uma guerra mascarada de religião, que de religião não tem nada.

Como já teve oportunidade de dizer todas as religiões têm as mãos manchadas de sangue. E isso gera ódios. O que podem fazer hoje os líderes religiosos, as pessoas de bem, para resolver esta situação?

É preciso que as pessoas de bem não se calem, independentemente da sua opção religiosa. A frase não é minha, mas “o que me assusta não é a voz dos maus, mas o silêncio dos bons”. Este é o tempo de passar da religião à fé, nas comunidades católicas, por exemplo,

temos demasiadas missas e pouquíssimas eucaristias, temos demasiada gente que vai à missa, mas não vai à vida, temos gente “casada” com um Deus tirano que esmaga, mas que é gente que na vida real olha os outros de cima para baixo. A urgência é passar da religião à fé, da lógica do poder à lógica do serviço. Por aqui transformamos o mundo. Se não, não faremos mais do que construir muros e vamos morrer orgulhosamente sós. Agarrados a mitos. O Deus da violência não existe. E um homem ou uma mulher que diz que tem uma relação com Deus e não tem uma relação de horizontalidade com a vida, é só um fanático. É só um doente.

* Entrevista concedida ao jornal Milenium Stadium



Frei Fernando Ventura

Nas periferias muitos jovens têm a noção clara que já foi "morto" mas que não morreu

A violência, cada vez mais, é pesquisada em Cabo Verde. No que tange às periferias, no entanto, falta um detalhe importante: ouvir. "Há a desenvolver um pouco a ciência do trabalho coordenado que é mais exigente mas que comporta maiores chances de se construir processos sustentáveis e não apenas a estratégia de bombeiros", destaca Bernardino Gonçalves. Sem isso, podemos ficar sem entender o que é mais importante e sem conseguir dar respostas ao principal, que é o fato de Cabo Verde ser um país onde se mata e morre muito. "Nas periferias muitos jovens têm a noção clara que já foi "morto" mas que não morreu", diz-nos Dino nessa entrevista. Confira.

Cabo Verde é um país onde se mata e se morre muito?

Felizmente morre-se muito menos do que se mata ou se "matou". A olho nu qualquer cabo-verdiano compreende que se mata demasiadamente em Cabo Verde. Nas periferias muitos jovens têm a noção clara que já foi "morto" mas que não morreu. Expressões como "é matam nka morri" ou "é matal é ka morri" são amplamente usadas na street e infelizmente é realidade. É comum encontrar jovens que já foram alvejados 3 ou 4 vezes ou já sofreram ferimentos com arma branca que levou a internamento 2 ou 3 vezes. É muito pouco provável que muitos jovens/adultos homicidas na prisão o sejam na primeira tentativa/ou seja incidente. Na maioria dos casos são actos continuados até o dia que calhou o azar de alguém ter morrido. Quantos dos nossos jovens vivem com balas e ou esferas (boka bedju), quiçá, para sempre? E o pior é que não conseguimos como sociedade indignar o suficiente para por cobro a esta situação deixando que se passe mais do que uma década (desde 2004)

quase que a pretendermos por inação ou omissão querermos dizer que é seja uma fatalidade de "o matar em Cabo Verde". Uma clara e triste desvalorização da vida. Expôs um país pouco inteligente e incapaz de unir perante algo que ameaça a sua própria existência e no discurso vulgar, seu melhor recurso – as pessoas!

Muitas vezes a violência nasce e explode nas periferias dos grandes centros urbanos. O que tem falhado?

Na verdade não sei bem e creio que não sabemos claramente. Creio que se soubéssemos já o teríamos travado. Sugere-me que como sociedade falhamos em alguns aspectos cruciais que tento enumerar e que podem ser ao mesmo tempo causa e consequência: 1. Falta-nos claramente uma educação para a gestão emocional; 2. Há uma percepção e realidade forte de impunidade o que convida as pessoas a resolverem situações "autonomamente" e ou ousarem comportamentos anti lei; 3. Acesso fácil /barato a álcool e outras drogas que encontram as condições anteriores propiciadoras; 4. Uma cultura consumista que se veio

adoptar sem a adequada educação financeira, o que leva as pessoas a viverem sob constante stress facilitando agudizando a desigualdade social, 4. Uma certa ridicularização e esvaziamento da dimensão espiritual do ser humano entre nós. Não toquei as falhas estruturais que são já levantados por muitas pessoas nomeadamente o esvaziamento da família a que consciente ou inconscientemente o modelo de desenvolvimento que adoptamos impôs, a organização urbana caótica nas periferias ou mesmo a actuação e organização de respostas com foco na reacção (curto e curtíssimo prazo) e não na preventiva (medio e longo prazo).

Falta ouvir as pessoas que trabalham nos bairros? Como dialogar com as periferias?

Parece que sim. Parece que há uma distancia importante entre os que estão mais corpo a corpo nos bairros e os actores que definem estratégias ou trabalham na parte mais soft das respostas. Ambos são importantes e o caminho é a complementaridade para que se possa ser mais eficiente e se tenha mais efec-

tividade na vida das pessoas. Creio que nas periferias existam uma predisposição para reverter a condição de muita falta de dignidade que as vezes se é votada. Mesmo ali se demanda melhor organização para se explorar todas as potencialidades. Há a desenvolver um pouco a ciência do trabalho coordenado que é mais exigente mas que comporta maiores chances de se construir processos sustentáveis e não apenas a estratégia de bombeiros.

Há alguns anos o então PM, JMN, propôs um encontro com os ditos thugs e foi duramente criticado. Era uma forma de dialogo viável?

Foi um momento sui generis. Aquela intervenção do Sr PM na altura creio que sofreu leitura EXCESSIVAMENTE literal bem como a corrupção do jogo partidário. Alias a crispação e a violência no jogo político em Cabo Verde contribui e contribuiu para o fenómeno e algumas mortes se devem a isso. As vezes nos falta coragem de assumir esta verdade. Dizia eu, aquele desabafo do Sr PM surgiu na sequencia



Bernardino Gonçalves

da intervenção de um jovem que numa conversa no bairro reconheceu que estava no caminho errante e tentou se desculpar de alguém que estaria naquela assembleia porventura já fora sua vítima. Foi uma reação cremos de esperança e com muita emoção a mistura a do Sr PM. A quezilha político partidária tem suas regras e manhas, claro, mas para nós importaria mais a alternativa sustentável para a paz, o sossego e poupar de vidas matadas na rua. Era uma possibilidade que não romantizava a violência dos/nos jovens mas também não demonizava os jovens que são nossos.

Como é que o fenómeno thugs mudou vida nas periferias da Praia e do Mindelo?

A vida nunca mais voltou a ser igual. Um dos aspectos mais visíveis é o físico, o gradeamento das casas com todas as consequências. A prisão em casa. Outro aspecto é a perda da vida social, a limitação do convívio nos poucos espaços de socialização existentes. Mas é algo deprimente como a vida mudou, passo a

citar 4 exemplos: um taxista que deixou de poder dormir em sua casa pois não teria a coragem de andar depois das 21h entre a estrada e a sua casa que passava por alguns becos; o estudante que não levava seu relógio para aula e não assistia a última aula pois não confiaria andar entre a paragem de autocarro até sua casa; A Sra que teve de fechar sua loja pois já não aguentava tantos relatos de pessoas que eram atacadas no percurso e ameaça/roubo de jovens ao seu estabelecimento; as Senhoras que tiveram de mudar o horário de oração na capela e as muitas que mesmo com mudança de horário deixaram de ir a oração.

Quais os limites do Estado e da própria academia para compreender a realidade das periferias?

Esta pergunta é muito sensível. Para começar diria que correndo risco de parecer presunçoso uma parte significativa de técnicos sociais que tive oportunidade de servir que servem o trabalho comunitário me pareceram "fracos". Existem outras variáveis incontornáveis que dizem

respeito a motivação e condições que em muitos casos afirmam não existem... mas o facto é que sentimos que muitas vezes dão abaixo do que podem. O horário do expediente não facilita. O social worker deveria estar sujeito a outro horário que não a função pública clássica. Falta compreenderem que com a comunidade se lida na informalidade que nem tudo se resolve com projectos com elevada complexidade. A academia demora a entender por exemplo que um jovem

com 3/4 anos de experiência de trabalho social mereceria entrar na universidade pois sabe coisas que muitas vezes escapam aos seus estudantes de 3 ou 4 anos. Passaram a visão aos estudantes por exemplo um assistente social que o estágio é entre 4 paredes no ar condicionado, o que deveria ser na rua com os peritos de terreno (que porventura faltará a componente teórica mas que seria um complemento o estudante traria para confrontar com a experiência vivencial).

Bernardino Gonçalves é licenciado em Economia e Gestão pela Universidade Jean Piaget. Nos últimos 5 anos esteve envolvido no sector de microfinanças acompanhando de perto o desafio da inclusão financeira em Cabo Verde.

É membro do movimento internacional Comunidade de Sant'Egidio e participa com assiduidade no intenso trabalho social desenvolvido no bairro de Safende.

É formando desde 2013, do 1º Curso de capacitação de jovens quadros cabo-verdianos para a liderança e inovação na gestão do desenvolvimento promovido pelo Instituto Pedro Pires para a Liderança. Foi Bolseiro MWF – YALI, iniciativa do Presidente Obama, liderança Cívil.



INFORMAÇÃO

NOTÍCIAS

FORMAÇÃO

CREDIBILIDADE

DICAS

OPINIÃO

ESPIRITUALIDADE

**TERRA NOVA****www.terranova.cv****O SEU JORNAL DE SEMPRE, AGORA ONLINE!**

MUITO OBRIGADO PELA SUA ATENÇÃO

Mas não se vá ainda. Ajude-nos a manter de pé o trabalho do **Jornal Terra Nova**.

O jornalismo vigia a fronteira entre a civilização e a barbárie. Fiscaliza o poder em todas as suas dimensões. Está a serviço da democracia e da diversidade de opinião, contra a escuridão do autoritarismo do pensamento único, da ignorância e da brutalidade.

Há 44 anos o **Jornal Terra Nova** exercita o espírito crítico, fiel à verdade factual, atenta ao compromisso de fiscalizar o poder onde quer que ele se manifeste.

Nunca antes o jornalismo se fez tão necessário e nunca dependeu tanto da contribuição de cada um dos leitores. Seja **Assinante do Jornal Terra Nova**, contribua com um veículo dedicado a produzir uma informação de qualidade, profunda e analítica no respeito da Doutrina Social da Igreja. A democracia agradece.

Quem assina um jornal independente, assina um compromisso com a democracia!

Contacte-nos hoje mesmo: 9998026

jornalterranova@gmail.com

www.terranova.cv